

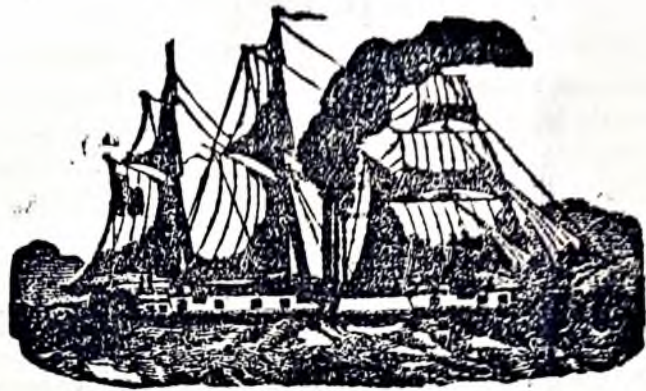


O

ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.^a

BAHIA 1.^o DE JULHO DE 1864.

N.^o 80

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17
v 1.5000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.



O Deus de Julho.

Amanhã que peito de babiano, que coração de brasileiro haverá ali que se não expanda em gosos, cujo semblante não seja fiel expositor do jubilo ardente, do entusiasmo febril que lhe lavra n'alma?!

E' que o dia de amanhã recorda um grande feito, esforço de patriotismo, confiança e fé, a consummação, a pratica, a realisação de nobres ideias que pullulavam na mente americana dos nossos veneraveis veteranos,—inoculadas por Deus no espirito humano, cuja divindade terrena é a Liberdade, santificada no Golgotha pelo precioso sangue do Filho do Homem!

E' que o sempre lembrado 2 de Julho recorda o scello de nossa emancipação politica, o dia de nossas glórias, aquelle em que ufanos nos assentamos convivas no livre festim universal dos povos livres!

Salve, ó immortal 2 de Julho, salve, tres vezes salve!

Os pensamentos sinistros, magnoados, sentidos que nós desperta a sophismação do que devias ser, calamol-os nós.

Apesar de tudo, porem, vimos pagar o nosso tributo a ti, grandioso dia, cujo sol refulgente, por mais que se esforcem, nunca podel-o-hão escurecer as peneiras opacas dos filhos das trevas?

Salve, idolatrado e querido dia, luzente astro do nosso ceu patriotico, dourada pagina da historia do nascente imperio de Santa Cruz!

Salve!

—nosso Editor—

EXPEDIENTE.

Cidade de Luronopolis bordo do *Alabama* 30 de junho de 1864.

Officio ao Ilm. Sr. Dr. chefe de policia para que mande prohibir que os galês ao serviço da secretaria de policia, palacio do governo, commando das armas e mais quartéis deitem lixo nas ruas, especialmente na da Valla, perto do coronel Lourenço de Souza Marques.

—Ao Sr. tenente coronel do batalhão de caçadores, participando-lhe que um cabo de seu batalhão, de nome Cramacho espancou na rua Direita da Misericordia a um mascara; procedimento que não deve ficar impune, como da conhecida justiça e moralidade de S. S. esperamos.

—Ao Sr. commandante do 8.^o, pedindo—

lhe providencias contra os guardas de seu batalhão, que no forte de S. Pedro, apunham às pessoas que passam, atiram-lhes pedradas, e um dia destes chegaram a mijar em cima d'um accendedor da companhia do gaz, atirando-lhe depois uma quartinha; o que não deve continuar.

—Ao Sr. inspector das obras da camara para que tenha em vista o estado lamentavel das foates do Xixi e do forte de S. Pedro.

—Capitão, o bando esteve excellente.

Gatos, cachorros, carneiros, burros, bois, moleques, tudo com a sua competente *gravata*.

E depois a companhia de zuavos esteve esplendida, fez por si só um bando.

Mas como em todos os negocios do homem o diabo mette o rabo, appareceu uma companhia de vermelhos para perturbar o festim,

—Oh! pois os vermelhos que são os homens da *oidem*, quizeram fazer desordens?

—Olhe; foram á Lapiuha vestidos de vermelho; eram quatorze os que pude contar; em contrariedade ás 14 estações apresentaram-se aquelles 14 spectros infernaes, como o diabo trajando a cor do fogo; e tanto não eram brazileiros que hastearam uma bandeira da mesma cor, renegando o pendão auriverde.

O Ilm. Sr. Dr. chefe de policia chegou-se a elles e fez com que de sua mão recebessem elles o signal da patria, que em publico, no meio dos folguedos de seu paiz, tinham vilmente trahido.

—Insensatos! No festim cõmum quizeram lançar o jomo da discórdia!

—Tinham jantado bem, capitão.

Passaram pela Soledade e choveram flores por aquellas cabeças embuçadas.

—Oh! aquellas freiras, aquellas sublimes mulheres, aquellas santas virgens tem um coracão patriótico!

—Está enganado, capitão; ellas se não deixaram illudir; as flores que aquelles anjos de amor e patriotismo fazem chover é sobre as cabeças dos que, como ellas, dão a vida pela terra que nos viu nascer; as que cahiram porém sobre as cabeças dos enviados do paé da desordem foram atiradas por quem talvez não estivesse em seu juizo perfeito.

—Ah! sim; percebo agora a *força do verso*.

—Passaram pela Conceição, rovas flores; entraram, viva Baccho e adens, patria! prazer immenso!

Os zuavos voltavam; tocavam o hymno nacional, uma poesia se fez ouvir dentre es cavalheiros do sangue.

Ouca o mote, capitão:

Defender a constituição

E' a nossa verdade.

E foi por ali abaixo e acima e acabou por

Defender a liberdade

Com toda a atrocidade!

—Que quer, homem? Si o poeta se havia intender com Apollo agarrou-se á Baccho!....

—E a musica de cavallaria tocou o hymno, e vivas foram dados ao partido vermelho e ao cavalheiro vermelho que recitou tão *bella* poesia!

—Estão no seu direito; os liberaes que dessem vivas aos liberaes!

—Mas, capitão, o festejo ao 2 de Julho tem alguma coisa com partidos?

Isso não é estimular os animos, provocar conflictos?!

—Mas, homem de Deus, V. mesmo não diz que elles jantaram bem?

—Mas elles não sabem que 2 de Julho não é eleição, elles que censuraram as manifestações do povo, depois da victoria das ideias liberaes?

Chamavam ao povo então *canalha*, elles que não apparecem, que não ousam levantar a face ante o povo, apresentando-se de mascaras!

Trahidores, judas!

—Alto lá, V. se está enthusiasmando e não quero que me tenham por ligueiro nem vermelho, amarello nem azul, branco nem furta-cor!

—E um homem velho, que deyxia melhor pensar consentiu em sua caza aquella orgia!

—Ai! não me serve sua conversa, Sr.!

—Seria melhor que elles pozessem mascara de burro, pelle e mesmo patas, tudo vermelho embora, e andassem para traz como os caranguejos, trazendo, em vez de bandeira a manta com a palavra *regresso!*

Ficariam melhor caracterisados!

—Sr., suma-se! não me comprometta, que eu não sou ligueiro, não sou ligueiro, não quero passar por tal, empine-se!

—Deveriam.....

—Olhe o guarda-maniua e o muxinguero!

—Bem diz V. Ex. que não tem partido. E Napoleão odiava a quem o não tinha. E' que o grande homem sabia que os que não tem partido não tem amor á sua patria!

—Perdoe-lhe porque não *sabe o que faz*. Aposto que V. que sabe que os taes *vermelhões* jantaram bem, jantou com elles, e fiel companheiro jantou bem tambem!

—Capitão, fallemos serio; o que me faz dizer estas palavras não é o partido, é o

patria, em cujo amor me inflammo, na pyra do qual meu coração arde, minha mente se abrasa, minha vida se lhe consagra.

— Bem; mas não crimine os conservadores que não devem responder por actos de imprudencia ou loucura.

LA VAE VERSO.

BANDO.

Capitão, venho dizer-lhe
Que o bando esteve chibante,
Bellos masc'ras e zuavos
E muita cousa galante.

Ia nelle uma *burata*
Com *formosa* cabelleira,
Tambem havia um *leão*
Sob um pé de *gameleira*.

Seguia-se uma *peessoa*
Que Bacho symbolisava
Como chapau *uma pia*
Na cabeça lhe pesava.

Com feições de *S. Thome*
A gritar no bando vinha
Um certo procurador
Desfargado de *rolinha*.

Conheci um demandista
Trapaceiro, espertalhão,
Vestido de incendiario,
Archote acceso na mão.

Levava a'guns objectos
De uma casa incendiada.
Que generoso saltara
Por sua alma *bem formada*.

Mettido n'um gravatão
O Gouveia pescocinho
Ia com cara de hurro,
Tinba de porco o focinho.

Terrivel monstro *marinho*
Com escamas prateadas
Puchava um carro onde iam
Certas moças desherdadas.

Um *gallinaceo* dos mares,
Coisa que nunca se viu!
Não era frango, era *pinto*
Q'um velho amigo trahiu.

Vinha vestido de lobo
Alguns *santos* carregando,
Um cujo, que na Lapinha
Sempre 'stá e' embriagando.

Um tafel que a *passos* anda
Pra um testamento annullar
Um pacote de *innocencius*
Andava a mercadejar.

Mas coitadinho do moço!
Por mais que o apregouasse
Não sei o que tinha o genero
Que não achou quem comprasse.

Certo padre que faz *calda*
Transformou-se n'um canario,
Na mão trazia gaiolla
Em lugar de breviario.

Transformado n'um *ciri*,
Vinha um outro, prebendado,
Com uma flor, *margarida*,
Clocho e secco e esmirrado.

Tambem vi um certo *musico*...
Mas deste não digo nada,
E' camarada da gente,
Dá-se co' a rapasiada.

Vinha de porco *monteiro*
Com uma pelle vestido,
Carregando dous bambús
Certo doutor conhecido.

Tambem iam nove irmãos
Gatinhas representando
Q' acabaram as *posturas*
E os ovos iam chocando.

A Mariquinhas da Eva
Que nunca falta a função
Seguia no bando a pé
Com seu patriarcha *Adão*.

Ia tambem a *Do O'*
Vestida de *marinheiro*
N'um carro, onde servia
O *Zeles* de *bolieiro*.

E a *convenção consular*?
Isto entao era galante!
Todo cheio de *commendas*
O cujo stava frisante.

Appareceram tambem
Sugeitos' da *vermelhada*
Quereudo q'a *brincadeira*
Si tornasse em *patacoada*.

Mas aquillo era desfructo
Q' o bom senso repelliu.
Chegando o dia da patria,
O povo todo se uniu.

— Sim, sim, sim; stou inteirado
Do bando que tambem vi;
Falta agora tambem vermos
A *chegança* e o *cucumbi*.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 30 DE JUNHO DE
1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA DO MERCADO.

Durante as duas semanas findas conscr-
vou-se regular o mercado.

Esteve bastante animado em *furtos*, que tem abundado em consequencia das festividades da epocha.

Ante-hontem, apesar de dia santo, fez-se algumas transacções neste genero em *selina*.

A companhia do *Olho vivo* apesar de algumas desidencias que de vez em quando tem com a policia, marcha em progresso, e não acha neste genero concorrentes, em virtude da perfeição e qualidade superior dos generos que manda ao mercado. Para maior felicidade de suas operações tem estabelecido filios em todas as partes.

Em desordens fez-se largas transacções.

Fallou-se na venda de um bote chegado na barca *Papu*, procedente de Oliveiras, e depositado no trapiche *Pontes*, mas não transpirou o nome dos compradores.

Appareceu no dia 29 na praça da *Lapa minima* uma partida de *escarlote* que não foi vendida por impedimento da policia.

Consta que em consequencia da resolução tomada pelo governo na noite de 5 não se reunira, como costumava á companhia de *Cacelistas* para exposição de suas produções.

Esta deliberação foi recebida com desgosto por parte dos amadores e socios da tal companhia. O publico porem applaudiu-a.

Entrou uma partida de *toncinho avariado* no patacho *Mircellino* procedente de *S. Domingos* e que está retalhando no trapiche do Maciel. O preço por que é vendido desafiou a concorrência.

Chegou tambem um carregamento de passas deterioradas na barca *Israelitas* procedente do porto *Leon Chavá*. Retalham-se no caes do *Gravald*.

Vendeu-se uma carga de *maus frutos e abstinencia* para escravos, chegado de *Lima* no brigue *Gondilho*. Fretou-se o palhabote *Emmanuel* para conduzir uma porção de *mordacidade, arrogancia, impetidez, e ignorancia*, ate o porto do *Carmello*.

MOVIMENTO DO MERCADO.

Bebedeiras.—Entre as diversas qualidades que appareceram no mercado sobresahiram as do fornecedor *Florindo* cujo deposito geral é na rua das Laranjas armazem, 72.

Banhos.—Abriu-se na baixa das *Palmas* 47, uma nova *Casa de Banhos* aromaticos, para curar pelo systema da hydrotherapia, as pessoas que na rua, suadas, tiverem algum ataque.

A experiencia feita em um capitão do 10 batalhão assegura os seus bons resultados.

Conflictos.—Chegaram algumas sementes de porto *Brandão* no patacho *Evaristo das Figuras* que a camara mandou semear no largo de *Jesus* para aformoseal-o.

Orgta.—Vendeu-se no dia 29 em leilão uma partida chegado do *Boquirão* no brigue-barca *Leitão*.

Foi grande a concorrência, as cotações subiram.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTO.

Patacho *Justo* entrado das praias da *Conceição* com escalla pelo porto do Surripio, capitão A. de Souza Ferreira, 50 exemplares subscrições para publicação do *relogio orthenologico*, 1o *balús estupidez*, uma gravatinha de liga *vermelha*, um *sobre-cazaco azul uzado*, um *chapeu de phantazia*, 1 caixa *charutos de canella* para o *capitão*, 1o *volumes calotes*.

ANNUNCIO.

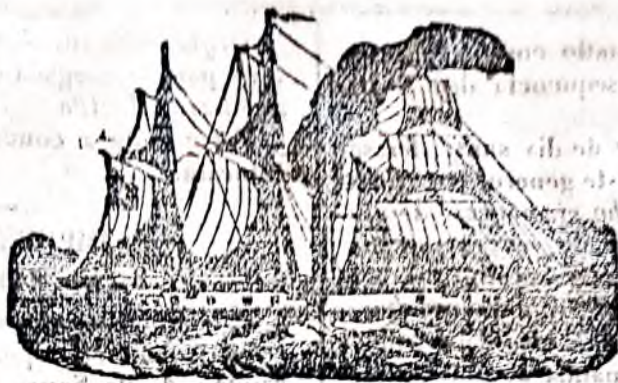


A commissão encarregada dos festejos ao memoravel dia 2 de Julho, na freguezia de Santo Antonio, faz sciente ao publico que no palacete mandado erigir á Quitandinha do Capim, haverá illuminação nas noites de 2, 3 e 4 do corrente assim, como que se achará alli postada uma guarda de honra e uma banda de musica marcial que tocará excellentes e escolhidas peças nas referidas noites, concorrendo na ultima S.Ex. o Sr. Presidente da Provincia que desencerrará a effigie de S. M. o Imperador.

A mesma commissão espera a concorrência dos brasileiros para maior brilhantismo do festejo, assim como renova a seus compatriotas o pedido de illuminarem suas cazas; o que se espera dos generosos e patrioticos corações que os adornam.

Bahia 1.º de Julho de 1864.

O Secretario
J. Guilherme Pereira Galdas.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.^a

BAHIA 7 DE JULHO DE 1864.

N.º 81

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericórdia, n. 17
a 15000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folia avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Atenção! Muita atenção!

O Sr Antonio José de Souza Gouveia deu queixa contra os proprietarios da typographia em que se imprime o *Alabama*, e foram elles intimados para comparecer amanhã, 8 do corrente, na audiencia do Sr. Dr. juiz municipal da 3.^a vara, como *responsaveis*.

Como responsaveis sim, em quanto não apresentarem *responsabilidade do editor que se obrigou*.

Foi ella apresentada, com data de 4 de fevereiro e scellada a 8 do mesmo.

O Sr. Dr. Augusto França não conhece o Sr. Theodoro José do Couto; ignora si é brasileiro, si reside no Brasil, si está no gozo de seus direitos politicos!

O Sr. Dr. Tosta sabe quem é, mas é necessaria a formalidade, é precisa a responsabilidade legalisada para que deixem de ser responsaveis os proprietarios.

A responsabilidade do editor

que se obrigou fica nos autos, diz o Sr. Dr. Tosta.

Pois bem; não agora as provas da nacionalidade, da residência, dos direitos de editoria. Vejamos a *ba fé* do Sr. Antonio J. S. Gouveia e de seu digno advogado o Sr. Dr. Augusto França.

Convidamos ao publico para assistir amanhã ao processo.

EXPEDIENTE.

Cidade de Laronopolis bordo do *Alabama* 6 de julho de 1864.

Officio ao Ilm. Sr. Dr. inspector da saude publica, pedindo-lhe para que vá incontinenti a uma venda, ao Terreiro, de um tal Marcellino e passe a examinar uma porção de toucinho, que me informam ali ha, a qual se acha em adiantado estado de putrefacção; o que a ser verdade, não só mande S. S. deital-a fora, como faça effectivo o rigor das leis sobre tal especulador.

— A' camara municipal de Cachoeira pedindo providencias efficazes sobre o estado deploravel da rua do Parto, visto que essa rua está se tornando intransitavel pela lama e um pantano que toma toda sua extensão.

— Ao Sr. Dr. delegado de Santo Amaro,

perguntando-lhe si é verdade ter Fabio de tal, morador ao becco dos Cachorros n'aquelle cidade, deflocado uma irman menor, e que sendo apinhado em flagrante, ficou impune, depois de uma prisão de tres dias.

Ao guarda mariuja pedestre Guilherme ordenando-lhe que vá a Solidade e intime a um certo Sr. Macibondo e seu filho que não continuem a urinar da janella, escandalizando a vizinhança, sob pena de ser-lhes mandado o fiscal da Camara para impor-lhes as penas da lei, e serem levados à presença da authoridade policial. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que poste na rua Direita de Palacio um grumete de sentinella a fim de prohibir que ouremem certos capadocios n'um vão da thesauraria geral, sem respeito às familias que se acham nas janellas. Cumpra.

—Ao fiscal geral para que intime aos Srs. Ariani que se faz preciso conservar limpo o alveo em frente de sua cocheira á rua Nova de S. Bento, como determina a postura 35. Cumpra.

—Ao mesmo no mesmo sentido, acerca do theatro publico, que deve ser até quarenta palmos de distancia, intendendo-se para isto com o administrador do mesmo. Cumpra.

—Ao mesmo para que intime ao muito alto e poderoso proprietario, capitalista millionario, o Sr. Xavier Machado afim de que mande, quanto antes, arrear o muro de sua propriedade em S. José, onde mora o Sr. Azevedo, o qual muro ameaça a vida de quem por alli passa, sendo já de notar o emperramento com que o mesmo Sr. a isso se nega, fiado sem duvida no seu dinheiro e na sua posição que julga tão elevada que pode impunemente menoscabar das leis do paiz hospitaleiro que a todos acolhe, sem duvida por assim o quererem as authorities. Cumpra.

—Sr. Bacellar, olhe que a policia é activa. Não tracte de quem nunca o offendeu. O que o Sr. fallou na terça-feira 28 do passado chegou-nos aos ouvidos.

Si o julgassemos *cousa*, dar-lhe-ia-mos o troco!

—Jesus quem ouve tudo para ir contar a este homem!

—Que casas são estas?

—São umas cazas mandadas destellar, não sei por quem.

Aqui no Engenho da Conceição estas cazas, deshabitadas são nada menos que escondrijos a criminosos que aqui podem esperar por alguém e levar à pratica sinistros intentos.

—Na verdade; deve-se pedir providencias á respeito; os interessados que se encarreguem disso.

—Jesus! está escuro como um prego! Si soubesse não passava por aqui.

Ai! que da fui de ventas na lama!

A illuminação a gaz deve ser na demarcação da decima urbana, e aqui, o Travasso não estará incluído nella?

Forte companhia! forte governo!

—Mas, homem, aqui não ha cazas, não paga-se decimas, logo...

—Mas o Poço não tem cazas? E está no escuro, em quanto a estrada da Vargem tem illuminação.

—Via a penultima carta do padre Amaro? Diz que por morar um engenheiro à Estrada Nova, por lá irá ter o gaz à Quinta. Assim é por cá. Morava o inspector do trafego da estrada de ferro na Vargem e não devia ficar no escuro.

—Está direito, está direito.

Mas é porque eu não sou o povo,

Em quanto na minha rua não houvesse gaz, não pagava decimas.

Si faltam assim os grandes á fé dos contractos, estou no meu direito me tornando caloteiro.

—Então que novidade traz da heroica e liberrima Caehoeira?

Ora, capitão o 25 de Junho esteve muito frio.

—Choveu muito?

—Não, capitão; pouco entusiasmo pelo festejo, nem um so batalhão patriótico; só um esquadrão de cavallaria de S. Felix é que deu mais algum realce ao festejo na noite de 24. Denominavam-se os—lout-

neraveis—trajavam com gosto e luzimento.

Houve te-Deum, e parada apresentando-se o batalhão da guarda nacional que, graças a seu digno commandante nada deixou a esperar.

Quanto ao mais até os poetas immudeceram.

—Nada mais?

—Houve um baile esplendido, dado pelo Sr. Manoel Antonio da Silva Pinto em que no meio dos perfumes, da musica e das flores sobresahiam as verdadeiras e mais lindas flores, os mais exquisitos perfumes, o verdadeiro ideal da poesia, as bellas e sympathicas filhas do meu idolatrado Paraguassú!



—Ora, capitão, os festejos aos Dous de Julho impediram-me de contar-lhe um caso que presenciei e que muito extranhei.

—Vamos a ouvirlo.

—Passava eu pelo Terreiro de Viçosa que o feitor da camara que conheço por Thomé fallava com o Sr. Dr. Brandão, vereador, e o Sr. Cunha inspector das obras; chovia, recolhi-me ao alpendre da schola de medicina.

O Sr. Cunha gritava com o Sr. Thomé e dizia em altas vozes que o não desmentisse.

O Sr. Thomé recolheu-se ao alpendre tambem, e o Sr. Cunha fez de lobo com o cordeiro; deu um esbarrão no pobre velho à surpresa, e tornou-se espadachim; ralou as mãos do pobre homem que foi sustido por algumas pessoas, quando quiz solfejar de fã-bordão nas costas do valentão.

—Glosou!

Não acredito. O Sr. Cunha é um moço de educação, incapaz por tanto de obrar uma acção má.

—Pois não acredite. Muita gente o viu.

E admira como um empregado da camara a desrespeitasse assim, na pessoa do Sr. Brandão, em comissão!

—São cousas; o Dr. Brandão presenciou o facto, veremos que providencias dá a camara.

Elles lá se hajam.

O que é certo é que Thomé é um empregado honesto que tem merecido sempre a confiança da camara.

—Na queixa que dá o Sr. Souza Gouveia diz que entre as palavras que mais o offenderam acham-se as seguintes:

Mette a cara deste safado na cloaca do navio.

Ora, sabem todos que aquillo não é com o Sr. Souza Gouveia, e sim como ladravaz hypocrita a quem chamamos de Pescocinho, desde que disse o Sr. Souza Gouveia chamar-se Gravata.

Mas suppondo que fosse;—a coisa que mais o feriu no seu melindre foi a cloaca do navio?

Pois não tem razão, que nella, na cloaca do navio se banham ricos e pobres, plebeus e nobres, ladrões e honestos, todos enfim.

O Sr. Souza Gouveia porém está tão zangado, tão atropalhado com os bodes e patifes que não sabe ou não lembra-se que a cloaca dos navios é o mar.

Tanto pode a colera!

(Continuação.)

—Tanto a elogiar-me o Sr. a seu santo e eu só a descobrir defeitos naquelle ladravaz!

—Que blasphemia, capitão!

—Blasphemia!

Vá ouvindo:

Quando vendia elle canarios e eram prohibidos os d'Allemanha, Calombreiro vendia estes entre os outros; si alguém reclamava, aqui d'el-rei contra o ladrão que quer enganar e injuriar a um santo quando o verdadeiro ladrão era elle

—Elle quem, capitão?

—Eu, ou o Sr. talvez.

Era tão mestre nos logros que pregava, tão pratico em tal negocio que quem comprava canarios ou borboletas, vinha mostrar-lhos para ver si eram legitimos, e o Sr. sabe que quem conhece a pedra é o lapidario.

—Capitão quem conhece os criminosos é a policia; S. Calombreiro prestava-se a isso para proteger a humanidade.

—Pois bem; esse santo não tinha uma escrava feliz que tinha chegado de Ardo?

Pois essa escrava comprou um bilhete do Rio, e tendo tirado um conto de reis, dei-

collo-o em mão de seu senhor para sua li-
berdade, a conselho d'elle.

E a rapariga esperou tanto pela liberdade
que desesperou; pediu o dinheiro.

Que fez Calombreiro, o seu tío mila-
cioso santo, canonisado por contrabando,
sem sciencia do papa e da santa sé?

Tal vida, tal morte; viveu de contraban-
dos, por contrabando *foi ao céu*.

Mas sim, que fez elle?

Vendeu a escrava para o Rio e comen o
dinheiro em sociedade com o seu querido
irmão, o *casto*, bemaventuradoe santo Ja-
quim.

Quem faz isso é ou não um ladrão de
borla e capello?

Agora note; essa escrava erion um dos
filhos do santo.

Esse patife que nome tem?

Achou um vocabulo, uma palavra, um
termo capaz de qualificar esse monstro?

Aquella fera nunca teve coraçào?

Aquillo nunca foi santo?

Não foi antes um enviado de Satanaz,
como elle coberto de todos o crimes, des-
de o incesto até o adulterio, desde a so-
berba até a preguiça, desde o roubo até o
assassinato?

Diga, ande, fülle!

E vem ca o Sr. contar-me historias!

—Eu sei, capitão; estou com a boca a-
berta, mas perdoe que lhe diga; isto é in-
júriar, não é discutir.

(*Continua*)

—Capitão, olé tá ni progresso, companhia
de ôio-vivo tá hi, tá frote, tá ni triumpho.

—Que houve de novo?

—Tá veia, capitão, mái pressa; quem
tá ruim bota fora, mái esse tá bom.

—Dize lá o que é.

—Dessipachate de alfandega pega n'um
pretinha meu paxero e bota cruzã ni ôio di
êre, prega totó ni miluogo.

Ah! me Deu! blanco hem dize qui ne-
gro tá commungado, qui e geração de ca-
chorro, fia de diabo!

—Foi o que nunca ouvi dizer.

—Oh! cachorro nan é cão? fia de Noé
qui tá commungado nan é cão?

—Ora este negro!

E os brancos tem rasão; é a Escriptura
quem o diz.

—Poi tá ganado, capitão. Blanco dize
qui diabo tá pae de crime, de marvadeza.

Blanco é qui fazê marvadeza cum negro,
blanco é qui fruta negro, blanco é qui fa-
zê crime.

Rôgo blanco è qui tá diabo!

—Agora rechavaste-me o az do copas
cóm hoquinhas.

—Falla qui capitão querê, mái vredade
é um só, cunna Deu qui fazê nosso todo um,
vredade tá esse.

Mái ouve, capitão.

Meu parente qui chama Benedicto Cari-
doso qué um despachô p'ro Rio ni vapô
Parand e falla cum dessipachante; mái en-
contra outro, qui chupa diubero di ere,
condo dessipachô tá livre, e signa nome di
ere, sem declarmento de—*a rago*—cunna
si ere memo assigna, condo ere nan sabe
lê nem crevê.

Esse nan tá de ladrão memo?

E' pru esse qui preto canta:

Blanco dize qui negro fruta,
Negro fruta cum seu resão,
Poi que blanco tamen fruta
Condo chega ni casião

—E o numero do despacho?

—11655, de 5 de junho de 1864.

—Vou pedir providencias ao Exm. Sr.
inspector d'alfandega, que è um honesto
caracter, e ellas hão de apparecer.

—Graças a Deu, qui já capitão attende
qui iô dize.

Olê, ossê segura, preta funda, ladrão!

A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

Pede-se a attenção para um
portuguez aos Arcos de Santa
Barbara, n.º 79, o qual deitou por
inveja o disico de *Vencedor* em
sua loja, acompanhado de um
grande chifre em que introduz um
instrumento immoral de borracha,
que mostra a quant's alli entram.

O Chico Careca.

Alerta!

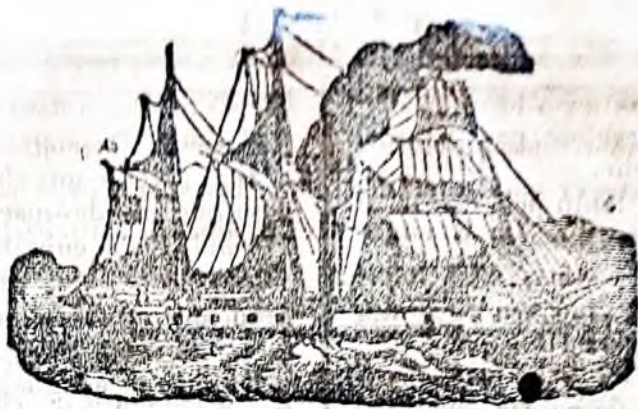
Dizem que empenhos tem havi-
do (1) para os estabelecimento não
darem as certidões requeridas da
responsabilidade de Ribeiro &
Gomes, e que o caso é que até o
presente nao se tem dado! (2)
Nao creio, mas sendo verdade, é
terrivel negar-se o que é a bem da
praça commercial da Bahia!! (3)

A quem competirá providencias
a tal respeito? O mais innocente
não ignora, e mais que ninguem
sabe.....

(1) A pedido de.....

(2) Quem tempo tem, que tempo espera...

(3) E ao depois terão do que se queixar?!



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.^a

BAHIA 9 DE JULHO DE 1864.

N.º 82

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico,

O processo *Gravata* ficou adiado.

Daremos a noticia do dia para que forem intimados os Sr. Marques, Aristides & C.

EXPEDIENTE.

Cidade de Laronopolis bordo do *Alabama* 8 de julho de 1864.

Portaria ao fiscal geral ordenando-lhe que vá à rua da Preguiça e intime a certo empregado publico, capitão, que não consinta que seus famulos e escravos continuem a deitar para um bico visinho imundicie e lixo, pois é prohibido pela postura 101. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Caminho Novo do Taboão, veja o estado immundo daquella rua e julgue por seus proprios olhos si é possivel continuar aquelle deposito de imundicies em cima do passeio; não o sendo, dê as precisas providencias. Cumpra.

—Ao mesmo para que faça com que se conserve limpa a frente da casa, na esquina da rua Lapa, pertencente ao Exm. Sr. barão do Rio de Contas. Cumpra.

—Ao mesmo no mesmo sentido acerca da cocheira à ladeira de S. Bento, pertencente ao Exm. Sr. barão de Passé. Cumpra.

—Ao fiscal da Moritiba para que não consinta animaes nas portas de casas de negocios visto que sendo a ruamais com mercial um grande parlano, a extensão d'uma braga por onde transita o publico fica estorvada pelos resalidos. Outro sim para que não consinta nas praças cavallos d'ambos os sexos. Cumpra.

—Ao guarda marinha pedestre Guilherme ordenando-lhe que vá à Calçada do Bomfim e intime aos caixeiros alli residentes que se faz preciso não continuarem elles a proferir palavradaz na presença das familias, e a ridicularisar os velhos nas noites em que ha representações no theatrinho da Roda da Fortuna; o que se espera da provada educação de moços tão civilizados. Cumpra.

—Capitão vou lhe contar uma historia.

—Si é coisa que vale a pena, diga-se.

—Vale tanto que por ella pode V. Ex. avaliar o caracter de certos politiqueros do paiz.

Houve um tempo, supponha V. Ex. que foi na França; houve um tempo em que liberaes e conservadores fizeram liga

para combaterem os conservadores exaltados. Criou-se um directorio para dirigir a campanha que se preparava para o triumpho das ideias liberaes, que foi o engodo.

Certo moço, *descendente de liberaes*, julgou-se com direito a ser deputado; mas o chefe da campanha, o directorio que tinha quatorze cabeças, pensou de modo diverso e escolheu, não um liberal por herança, mas sim um de ideias e actos.

Todo o paiz catholico tem sua Sé, sua cathedra; e como em grande veneração tem a SS. Virgem, ha sempre uma igreja matriz, cujo orago é a veneranda Santa Anna.

Os eleitores das freguezias da Sé e Santa Anna da tal Franca tramaram, como disse aqui o Sr. coronel Lourenço de Souza Marques, *quaes carbonarios á meia noite*.

E o interesse da *liga* foi posto á margem, ante o orgulho mal entendido do tal moço que por ser descendente de liberaes, julgava-se *monarcha liberal* e appellidou-se de *augusto*!

E a conspiração foi a tanto que em todas as freguezias, por entre as ondas jubilosas do povo que cantava victoria, ouvia-se o brado atroz da discordia, o ataque ao directorio, o *viva* ao tal *augusto* moço, *liberal da Franca!*

E uma voz em contrario sempre se erguia; era uma voz fraca, é verdade; era a voz de um pobre tabareu; alem de tabareu, era estrangeiro; mas era a voz do homem novo, inexperiente e honesto; era um apoio ao partido que da existencia delle ignorava.

Mas o *augusto monarcha*, assim contrariado (por que effectivamente depois d'alguns dias ninguem se lembrou do tal espurio, nem para *prefeito* ou *mair* de qualquer cidade, como lhe prometteram) intendeu vingarse.

Comeu os cobres da nação por noventa dias, em menos elevada posição, e *viva a patria!*

Teve depois uma occasião, para *esmagar* o *peptil* que tentou mordel-o e quiz *aproveital-a*.

—Esmagou?!
—

—Não sei; veremos, quando chegar o paquete da Europa.

Mas agora, capitão, avalie o liberalismo do liberal aristocrata e monarcha, diga-me si aquelle homem pode levantar a cabeça ante aquelles em cujo partido se infiltra; diga-me, por quem é, si aquillo não é a personificação completa e perfeita do mais apurado egoismo; diga-me si o tal intitulado *augusto* não é com effeito um sultão caricata, um bachá ridiculo, um Napoleão de gesso, um toupeira de quem se deve ter dó.

—Ignoro; não quero saber de partidos nem d'America nem europeus; por la se arranjam.

E os taes ligueiros o que tem feito? Não andaram tambem a enganar o povo? Si elle quiz enganar-os, tem desculpa, que ladrão que furta a ladrão tem cem annos de perdão.

—Pois o capitão pensa que eu defendo os ligueiros!

Os liberaes foram illudidos, delles é que tenho dó; estão a carregar com a responsabilidade dos actos dos taes moderados, que são (salvas excepções honrosas) tão boas firmas que delles tem até nojo os seus antigos alliados, os vermelhos de hoje.

Mas agora não se tracta disto; tracta-se d'um perfil, d'um typo, d'um modelo, que exponho á apreciação de V. Ex.

Si mais mundo houvera,

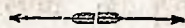
La chegara.

Como muitos ha, la chegarei.

—Exponha-os ao publico que por mais que apauhe nunca aprende; eu ja os conheço e muito.

O povo que gosta dos *francezes*, que se mire neste espelho, e veja si tem direito de queixar-se.

—Viva, sor capitão!



—Marcolino, meu negro, sé por nós; trabalha em nosso favor que te arranharemos um emprego.

Damos-te o logar de carteiro da presidencia que rende 2\$ rs. por dia.

—Não, não; neste caso aposentamos o fulano de tal, no arsenal de marinha cujo emprego é de 2\$300 rs. diarios.

Assim fallavam com um pobre brasileiro

dous francezes, um *sallustio de conto* e um *augusto de França*, para arranjarom mo-chiba.

Agora.... agora....

Oh! tempora, oh! mores!

Oh! tempo das amoras!

Um embarcou para o Rio, e o outro le-vanta os olhos para os sobrados a fim de não *sujar-se*, cortejando um *negro!*....

Vive la *liberté!*

—Porque não falla em portuguez viva a liberdade?

—E' negocio de *França e francezes*, de-vo fallar em *francez*.

Viva o francezismo!



—Reverendo e charo Sr. *Careca*, chegue á fall.

—Prompto, capitão.

—Ora porque não tomas vergonha, gal-ego?

—Tenho-a de mais.

—E tanto que te tornaste *onça*, patife!

—E' porque sou encantado, capitão; quando viro *onça*....

—Seria melhor que virasses *macaco*.

—V. Ex. sabe que *onça* é animal carni-vo-ro; quando viro *onça* como carne; como vivo entre gente, como gente; como me-uino é mais terno e tenro, como menino...

—Pois deixa-te estar que o *muxingueiro* te tirará o encanto.

—Capitão, V. Ex. está enganado; eu sou o *Chico* e não o *Careca*.

—Anda lá, magano, *Chico Careca* és tu, que bem te conheço.

Pois eu não sei daquella tratada que fi-zeste com a sociedade que tiveste, em que roubaste teu companheiro deixando sua familia na miseria!

—Eu não, capitão.

—Covarde!

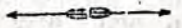
Verei si o *muxingueiro* te fazer mais energia.

Olá *muxingueiro!*

—Prompto, capitão.

—Faze o que quizeres com este diabo!

—Bonito costado, capitão!



—Capitão, um portento, uma novidade, um progresso, um caso virgem.

Para provar-se que um periodico foi *distribuido* por mais de quinze pessoas, ajuntam--e 20 exemplares, e está cortado o nó.

De sorte que uma só pessoa não pode receber ou comprar vinte exemplares de qualquer obra.

—Quem foi este *sobido*, que quero mandar-lhe um *brevet d'invention?*

—O Dr. Augusto *França*.

—Oh! pelo dedo se conhece o *gigante*.

E' sempre *descoberta de liberal* que não tracta de saber si os seus são *columniados*, que só quer tractar *d'injuria*, que é nada menos do que *mordaca*.

—E' o *liberalismo da rolha*, capitão; é o progresso da epocha.

Realmente é admiravel ver hoje como isto vae.

Viva o garrotinho da imprensa!

Viva a força!

Vivam as fogueiras!

Viva o *refugium peccatorum!*

Viva o processo *d'injuria*, a *salv guarda* dos tratantes!

Vivô!

—Olhe os advogados que querem acabar com os *paschins!*

—Na verdade!

Mas assim como qualquer bacharel leva ahi a *praguejar* contra os *paschins*, que nesta terra é *synonimo* de gazeta pequena, estou eu no meu direito, enquanto se não estabelece o *systema napoleonico*, de fazer o que posso.

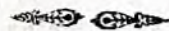
O que é certo é que só os tratantes tem medo de gazeta!

—Que homem doudo! que testa, que cabeça de ferro!

—Testa de ferro! muita gente boa o é; testas de ferro são todos aquelles que por um mal entendido orgulho constituem-se meios de vingança para aquelles que lhes fazem *caretas* ás costas! testas de ferro são os que satisfazem *paixões alheias!* testas de ferro são os que servem de *machina*, de instrumentos nas mãos do operario!

—Mas eu o chamei *cabeça de ferro* porque V. é um homem que quando diz que a pedra é pau, a pedra ha de ser pau.

—Neste caso tenho *companheiros*. Sou como o Sr. A. J. S. Gouveia a quem se está a dizer que Gouveia Gravata não é elle e elle a querer sel-o á força!



PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 8 DE JULHO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA DO MERCADO.

As transacções durante a semana foram insignificantes.

Fizeram-se alguns saques da praça do *Forum* para certas casas commerciaes.

Em *firmas falsas* entabolou-se uma transacção que não se realisou. Era promovida pelo corretor *Firme Aberto Landolpho*.

De generos de importação a entrada de mais vulto foi a de um carregamento de gravatas de novo modelo vindas de França que veio abarrotar o mercado com as que já haviam.

Tambem chegou um carregamento de colletrinhos de novo uso. A primeira pessoa a quem vimos usar da moda franceza foi o Gouveia Pescocinho no theatro de Latronopolis na noite de 7.

Fica-lhe tão assentado!

Entrou no dia 7 as 6 horas da manhã a barca *Ovideo* procedente da villa da *Hediondez* com um carregamento de barbaridades e castigos rigorosos e atrocidades, que desembarcou no caes do *Saboeiro* e se achem depositado no armazem *trez*.

MOVIMENTO DO MERCADO

Bebedeiras.—As do *Florindo* não vieram ao mercado, venderam-se em pequenos lotes particularmente. Apesar disto o commercio esteve abastecido por outros fornecedores.

Banhos.—Rectificamos na revista de hoje o que dissemos na passada sobre *banhos* por sair com algum engano:

« Abriu-se na *Descida da Praça, 47*, uma nova *Casa de Banhos* aromaticos, para curar pelo systema da hydroterapia as pessoas que suadas, tiverem na rua algum aque.

A experiencia feita n'um capitão de 10 assegura os bons resultados.

Indifferença.—Na barca *Sceptico* chegaram 4000 toneladas do porto da *Descença*, que se está vendendo no trapiche *Dous de Julho*.

Pateadns.—Importaram-se alguns volumes de *Asininsula*. Só achou consumidores na laocracia. São inconvenientes e muito depõem do estado de nossa civilização os lugares em que se expõe à venda semelhante genero.

A policia devia prohibir a sua entrada, á vista das qualidades nocivas de que é composto.

Monas.—Excellent genero para ajudar a memoria, principalmente para aquelles que exercem officios declamatorios. Alguns artistas do theatro de Latronopolis, fizeram uma experiencia na noite de 2 apresentando se no palco depois de haverem tomado uma boa dose, rasão porque correu a representação do spectaculo tão bem n'aquella noite.

Ha excellentes e estão providos os depositos. Para a experiencia a cima consta, que o genero fora comprado na ageucia da *baixa* do *Figueredo*.

EXPORTAÇÃO.

GENEROS DESPACHADOS.

Estancia—galera *Adelaide*; *Xico Montez*, 10 pacotes intrigas, 200 latas *vermelhão*, uma carta de recommendação a favor de um lobo que virou *sarigué*.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTO.

Portos da *Lascivia*—brigue *Careca* capitão *Xico*.

10 bahús, despeito, 1 chifre contendo objectos para usos libidinosos, 4 embrulhos corrupção, 10 frascos perversidades, e uma gaiola contendo um antropophago.

PARTE MARITIMA

MOVIMENTO DO PORTO.

SAHIDAS DO DIA.

Ilha das *Quartinhas* barca *D. Anna* capitão *José Gallego* carga objectos para namoro como *arrufos*, *beijocas*, *abraçadelas*, alguns pacotes *escandalos*, passageiros um gallego insolente.

Noticia maritima.

Entrou o vapor *Asmodeu* commandante *D. Thomaz* que tinha ido em commissão á cidade da *Palma* assistir e proteger a eleição de um agente militar.

A PEDIDO.

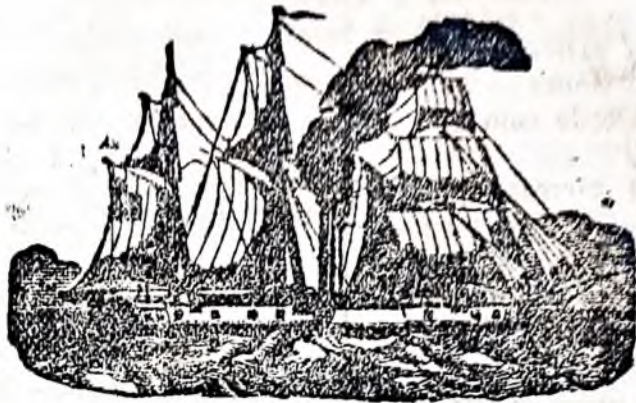
Ao Sr. Dr. Director dos Estudos.

Pergunta-se si está habilitado para ensinar primeiras letras um sujeito morador aos *Curraes Velhos* do *Barchalho*, crioulo, de nome *Luiz da Costa*, o qual dá pancadas em tal quantidade que já não pode aaturalo a visinhança; sendo de notar que serve de substituto a mulher, quando se entrega elle ao officio de correiro que diz ter.

O escandalisado.

Sr. *Malaquias*, diga,
Quem é barriga de areia?
Applique este dito a quem
Vive da fortuna alheia.

Estes sim; trazem bem cheios
Os bolsos, e não a pança,
Do que roubam da viuva,
Da donzella e da creança.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.^a

BAHIA 12 DE JULHO DE 1864.

N.º 85

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericórdia n. 17 a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Aos Srs assignantes.

Principia hoje a 9^a serie do *Alabama*.

Já é alguma vida, graças a Deus.

E já que ousam alguns dizer que o *Alabama* é um paschim, que é uma folha immoral, confessem então os hypocritas que esta terra é a da immoralidade, que tudo aqui está pervertido desde o escravo até o senhor, desde o galé até o juiz, desde a creança até o ancião, desde os prostibul s até o palacio e mais.

Porque de maneira outra explicar-se não pode a duração da gazetinha-paschim, nem esse affan, essa anciedade, esse anheio offegante com que se espera o postilhão, nem ainda a satisfação com que é lida, a instancia com que é procurada, a estimação com que é guardada.

Porque de maneira outra explicar-se não pode como são della assignantes o artista e o empregado publico, o negociante e o

lavrador, o meirinho e o desembargador, o soldado e o commandante, o plebeu e o barão, a propria repartição da policia.

Hypocritas, está acabado o tempo de enganar os homens.

O Alab maahi está.

Em quanto houver corações generosos na Bahia, ninguem é capaz de fazer com que vá elle a pique no porto de Latroopolis.

Os ladrões que se mordam!

Ao publico.

O interesse do Sr. Souza Conveia é zelar sua honra que diz offendida pelo *Alabama*.

Bem; si é este o seu desideratum, ahí tem o editor da gazeta; proceda nos termos da lei.

Mas andar a insultar por toda parte os donos da casa que nada lhe devem, que nenhuma satisfação tem que lhe dar é o que não diz ao caracter de um homem honrado, como se apregoa o mesmo Sr., o que lhe não contestamos.

Andar a alardear triumphos, dizer que conta com o juiz, que tem por si dinheiro; que ainda quando o Sr. Dr. Tosta julgue improcedente a queixa todos os mais juizes estão apalavrados para extinguirem a gaze

ta por immo al e o que não parece prudente.

Guardem o jubilo para a occasião da victoria.

Que lucro tira o Sr. Malaquias José dos Reis em apregoar-se rico, em querer figurar de Quichote, em fazer tanta patacoada?

Que gloria tem o Sr. A. J. S. Gouveia em tornar-se difamador e insultante para rirem-se d'elle?

Que papel julga representar o Sr. Dr. Augusto F. França, dizendo por toda a parte até na secretaria do governo que ha de acabar com o paschim immoral?

Quererá arvorar-se em promotor, dar lecções ao honrado funcionario que exerce tal logar?

Acaso não vem por traz de si uma sucia, que se quer vingar?

Pois mettam todos na cadeia, mettam, e nas vespervas das eleições criem gazetinhas, paschins, inventem echos bahianos e sinos de S. Pedro; mettam tudo, desde o redactor do *Diario*, folha official, até o *Alabama*, paschim, gazeta immoral; mettam, mas a imprensa é como os dentes de Cadmo, de cada typo surgirá um escriptor, de cada escriptor mil gazetas, mil settas cravadas que se hão de cravar no coração dos ladrões e tratantes, dos despotas e tyrannos!

Mettam, mas o seculo XIX está ahí, e as ideias não retrocedem, o pensamento voa, o mundo marcha!

Metta tudo na cadeia, Sr. Augusto França; mostre para quanto presta, dê mais uma prova de seu talento engarrafado, mais uma demonstração de seu tão apregado *liberalismo*!

E fique certo de que quando acabar a sua obra, muito lhe restará por fazer, tudo, tudo talvez!

—•••••

EXPEDIENTE.

Cidade de Lauronopolis bordo do *Alabama* 12 de julho de 1864.

Circular aos assignantes do *Alabama*.—Tendo-me participado os Srs. Marques Aristides & Com. que foram intimados para comparecer h. je, terça feira 12 do corrente, n'um legocio de gravata no fo-

rum da Bahia, fizemos disso scientes a Vms. afim de que se dignem comparecer pelas 11 horas da manhã, para assistirem ao processo que corre contra os mesmos Srs.

—Aos fiscaes de Cachoeira e S. Felix, para que não consentam domar-se animas bravos nas ruas; do que podem resultar funestas consequencias. Cumpram.

—•••••

—Na queixa que dá o Sr. A. J. S. Gouveia diz que pudera desde já provar que o artigo incriminado lhe diz respeito, mas que aguarda mais opportuna occasião; fazendo com tudo notar que é elle geralmente conhecido por Gouveia.

Pois por ahí mesmo é que se lhe vae.

E' conhecido por Gouveia?

E vem dar queixa contra o *Alabama*?

Então, ou não leu o artigo, ou não sabe o que leu; leu e não intendeu.

O artigo principia chamando o sujeito de Gravata; o sujeito diz chamar-se Gouveia. O capitão admira-se e continúa a chama-lo por Gravata, ainda depois de ter o sujeito dito que se chama Gouveia—prova de que é o capitão moço polido visto que pelo nome de familia é que se tractam as pessoas civilizadas.

Pois logo por este pedaço não vê o Sr. Gouveia (que por Gouveia como diz, é geralmente conhecido) que o tal cujo era para o capitão conhecido por Gravata?

Pois não vê que si se tractasse de sua pessoa não extranbaria o capitão de saber que seu nome é Gouveia, como todos o conhecem?

—Mas Sr., si o tal Sr. Gouveia quer que seja com elle?!

—Si quer, queira muito embora; sua alma sua palma, mas a lei ahí está por fim. Vou deitar livros a baixo.

Traga-me aquelle dictionario portuguez—francez—latino de Joaquim José da Costa e Sá.

V. sabe o que é nome?

—A *artinha* diz que o nome é uma voz com que se dão a conhecer as cousas.

—Pois bem, tome nota do artigo:

« Venha cá, Sr. Gravata.

« Capitão, em me chamo Gouveia »

E o chamavam *Pescocinho*;
A raça liam-lhe outros
No seu eno, me focinho.

Tanta suspeita por fim
Cessou n'uma occasio:
Pelo pescoço o pucharam
Foi conhecido por cão.

Não trazia no pescoço
Pescocinho ou gravatao,
Trazia apenas *colleira*
O tal cachorro fujão.

Venha cá Sr. Doutor
Que nunca cura, e sim mata,
Porque rasgou o *Alabama*
Fazendo tanta bravata?

A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. Chefe de policia.

A muitas pessoas tem o Sr. Malaquias José dos Reis pedido para offender physicamente aos proprietarios desta typographia; entre elles ao Sr. Machado, da freguezia de Sant'Anna, a quem pediu, depois de recusa delle, para *arranjar-lhe* trez soldados de linha desfarçados a fim de executar seu negro plano; aos Srs. Marcolino José Dias, Herculano Dantas, Malaquias Portella Bugarim, Miguel dos Santos Prates, e um Sr. Manoel que tem venda na rua do Bangala, e muitos outros que todos tem ouvido do mesmo Sr. ameaças terribes.

Prometteu a um homem que si fosse preso em virtude de os *quebrar de pau* não receiasse, porque não só elle tinha dinheiro para gastar, como havia muitos figurões que pedissem, porque todos odiavam-nos.

Pede-se pois a V. S. providencias considerando como author de qual quer violencia contra os mesmos Srs. ao referido Sr. Malaquias,

que faz alarde em qualquer parte que chega dos seus ministros intentos, chegando a dizer que para tirar ambos os olhos de seu inimigo é capaz de ficar sem um.

Sr. Redactor.

Brevemente vai ser submettido a punição legal, e hoje a apreciação do publico, um facto d'esses que de dia em dia se reproduzem, praticado por um novo soldado das fileiras do olho vivo, e que levou a sua audacia a furtar a firma do Sr. Dr. S. F. S., e offerecendo-a em rebate ao Sr. A. T. da Silva L., cujos documentos se acham em meu poder para bom uso a seu tempo. Ninguem melhor sabe d'este horroroso crime, como seja o Sr. Antonio d'Aquino Gaspar, que para explicações será chamado a juizo, assim de virmos si de suas respostas conhece-se si quem tentou o furto foi o Sr. Dr. S. F. S.

Um prejudicado

Sr. capitão—Como sei que V. quer que a lei seja igual para todos, por isso peço-lhe que recomende ao Sr. fiscal geral o lançar suas vistas para os porcos, cavallos etc. que andão soltos pela cidade assim como sobre um judeu que anda vendendo passas podres, visto que assim como se multa o dono de uma taberna na qual se encontra um foail em que ha pouco se tinha medido vinagre, com muita maior razão se deve multar a quem especula com a saude do povo.

A lata de pó

ANNUNCIO,S

Vende-se um caza á rua Nova do Queimado, toda assualhada, e parte forrada, frente, e fundo de paredes dobradas, com trez braças de frente; terreno proprio, quintal grande, e todo murado. Tem sala de visita, dita de jantar, trez quartos, cozinha fora, e armazem por baixo, sendo seu n. 32, pode ser vista, que o morador o Sr. Justo, presta-se a isso. Trata-se no Barbalho, caminho da Quinta n. 65 ou na botica á rua do Juliao n. 34

O tenente do 5. batalhão da guarda nacional Augusto José da Silva accrescenta o seu nome por haver outro igual.—Augusto José da Silva Maia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

« e como sempre o conheci por Gravata?

« E' o meu apellido, capitão. »

Tome nota. O nome com que se dá a conhecer o tal cujo é Gouveia; o apellido, elle o disse, Gravata. E pelo apellido é que em geral se tractam os homens, assim como pelo apellido de Gouveia é o Sr. A. J. S. Gouveia conhecido, como em sua petição o disse.

Agora abra o dictionario, e veja o que é apellido.

— Substantivo masculino, *sobrenome, nome.*

— Note este alcãide para um canto; veja Moraes.

— S. m. chamamento, rebate etc; alcunha, *sobrenome das pessoas segundo a differença das familias.* « Os appellidos são os signaes hoje da descendencia das familias e nobreza dellas. »

— Fonseca, Roquette, Bluteau, historias! Veja *Constancio.*

— S. m., chamamento, rebate etc; alcunha, *sobrenome.*

— Veja *Faria* que é o resumo.

— S. m., alcunha, *sobrenome das pessoas, segundo a differença das familias.*

— Bem, speremos agora por onde se interpretará o artigo; veremos si pela cachola do Sr. Gouveia e seu advogado, ou si pelas lecções dos eruditos.

— Não tem duvida, o nome do tal sujeito é Gouveia e o apellido é Gravata; não podem saber disso. Só o que me admira é como o tal sujeito se baptizou com este nome de Gouveia, pois julgo que as folhinhas não tem tal santo!

— E as folhinhas trazem são Calombreiro? Que bobo!

E depois o sujeito era de Latronopolis, em Latronopolis é que está o *Alabama* e seu capitão com toda sua tripulação, em Latronopolis é que o capitão o encontrou; não tem nada por tanto com que se passa na Babia.

— Então, meu charo immediato, está zangado com seu capitão?

— E com razão.

— Quem lhe mettu essas cousas na cabeça?

Ora venha cá; Vm. não é menino e para

prova traz abí ao prito a medalha da Independencia; pois não continue a brigar com seus superiores. Va abí por esta cidade toda, toque a corneta, desafie os inimigos de *Alabama*, e os que encontrar de colleira ou pescocinho, traga-os a minha presença.

— Ardua é a tarefa capitão; tenho cuidado de trazer todos que encontrar, porque hoje até os africanos, qualquer moleque pelintia e ladrão anda abí de gravata ao pescoco.

Cumprirei, porem, as ordens.

— Nunca pensei que tanto mal nos fizesse um *phantasma!*

— Como?

— Pois por uma cassuada n'uma gazeta por uma ficção de cidade, por uma Latronopolis, por uma *phantasia* de Gouveia Gravata não estão trez moços incommodados!!

— Meu amigo, depois que resuscitou no senado o Sr. Barão de S. Lourenço, este Brazil é das almas do outro mundo!

— E eu que não eria em *phantasmas!*... Cruz, cruz, ave Maria!

— Quem dá noticias do Gouveia Pescocinho?

— Levou o diabo; dizem-me que embarcou para fóra.

— Ah! sim! foi sem duvida a Maragogipe; saudades do *pardo velho da trombeta*, lá o levaram.

LA VAEVERSO.

Um cão manhoso uma vez
De Maragogipe fugiu,
Os dentes mettu em todos
Que por gente distinguio.

E depois da *sabinada*,
Quiz por gente elle passar;
Mettu-se até de jurado
Para raposa inforçar.

Felizmente elle espichou-se
Pelo orgulho e presumpção,
Pois que fez desconfiança
Seu medonho *gravatão*.

Uns—militar o suppunham



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.^a

BAHIA 15 DE JULHO DE 1864.

N.º 84

Publicase na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mercaderia n. 17 a 15000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120

O ALABAMA.

Ao publico.

O processo *Gravata* principiou na terça feira, 12 do corrente.

Depois d'uma questão preliminar que o Sr. juiz não quiz accellar, mas de que lavrou-se termo, leu-se a queixa e teve logar a defeza, apresentando-se os documentos que provam a nacionalidade brasileira e os direitos politicos do editor.

Juraram as testemunhas, isto é quatro.

O juramento de todas ellas consistiu em dizer que o *Alabama* foi distribuido por mais de 15 pessoas, que conhecem ao Sr. Antonio José de Souza Gouveia por *Gravata* e que por tal é geralmente conhecido; que o mesmo é compadre do major Francisco Pires de Carvalho e Albuquerque, que tem tres engenhos; que é ou foi seu procurador; que recebe alugueis das cazas delle.

São amigos do queixoso? Não Sr. E como o conhecem tanto?

Como sabem de todos os negocios do homem?

As testemunhas foram combinadas, e tanto o forata que deixou de comparecer uma dellas que se não sujeitou ao chamado do Sr. Dr. Augusto França, dizendo que muito conhecia ao Sr. Gouveia, que com elle transacções tivera, mas que nunca o conhecera por *Gravata*.

Houve commum accordo entre ellas.

Querem a prova?

O Sr. Tourinho, o incomparavel Sr. Tourinho!.... leu dez gazetas!.... ouviu ler vinte ou trinta!..... entre as pessoas a quem ouviu ler e cujas gazetas leu estão os Srs. Charles Pailla d, José Pedro Moreira Rios, morando o Sr. Tourinho no Xixi.

O Sr. Bastos que mora lá na rua Formosa, perto dos Srs. Paillard e Rios foi justamente a estas duas pessoas que ouviu.

Querem outra? Querem prova de que foi o depoimento estudado?

Pois um homem que não tem grandes relações com outro, sabe que o compadre deste tem tres engenhos e não sabe dos nomes des-

tes? Alguma era por ventura quando ella em nome de engenheiros e de seus proprietarios?

Os nomes dos engenheiros estavam escriptos; a prova é que os *ignorantes* chamaram a um delles Cazunba, e o Sr. Corte Imperial, moço instruido e empregado publico, chamou-o Cazunbá, tendo em memoria o *companheiro e compadre* do Lucas.

Proh! pudor!

Querem outra.

O Sr. Bastos tem uma lista que quer ler!

O Sr. Corte Imperial consulta ao postilhão por que sabe que vae jurar! . . .

Querem mais?

O Sr. Tourinho que ouviu a trinta assignantes e leu dez gazetas (santa paciencia!) só se lembrou do Srs. Dr. Couto, João Caivalho e Francisco Ferreira França, irmão ou parente do Sr. Dr. Augusto França!

E' assim que o Sr. Tourinho que *vive de negocio* (vide a *qualificação*) é irmão, tilizen, diuin caixeiro do Sr. Gouveia.

E' assim que o Sr. Corte Imperial a quem se dizia ser afilhado do Sr. Gouveia, e elle negava, mandava por seu irmão pedir misericordia, assignar a gazeta e confessar que só por grande força, que só por ser *afilhado* do Sr. Gouveia se prestara a dar aquelle depoimento!

E' assim que as testemunhas que diziam não ter *amizade* com o Sr. Gouveia, ao conclaiarem o depoimento, entravam na grande sala dos filhos e parentes do Sr. Gouveia e o jubilo era geral!

E quando as testemunhas procediam des a primeira, quando por muitas vezes o juiz dava a mão a ellas que estavam prestes a cabir sob a execração do publico que, pasmo, as contemplava, o Sr. Gouveia anda muito ufano a dizer

que as testemunhas satisfizeram, julga que tem ganho a partida, que a presa está em suas mãos!

«Deixem o jubilo para a occasião da victoria!»

Hoje é a continuação.

O publico que se interessa, n'ossos assignantes que nos esiman dignem-se assistir ao processo.

Então, Sr. Almeida Bastos, está muito ufano com seu depoimento?

Não dá cavaco, si o puzermos na gazeta?

Não tenha susto, que com certos defuntos não queimamos nossa cera.

Sr. Rodolpho de Bulhões, vem fazer o diabo com seu depoimento?

Olé!

Nem por jurar pelos Santos Evangelhos?!

Safa! que enthusiasmo!

Não se hote a morder, meu moço!

A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

O Sr. Malaquias José dos Reis quer processar a Marques, Aristides & C. por calumnia e injurias, contidas na prevençõ que a S. S. fizemos; pelo que deu já queixar na primeira via a.

Chamamos a attenção de S. S. para os documentos abaixo transcriptos.

Illm. Sr. Pedro Machado.—Constando-me que o Sr. Malaquias José dos Reis o havia convidado para não só espantar-me como tambem a meus socios e que o Sr. a isso se recusara, e que então o dito Sr. Malaquias lhe propuzera que arranjasse trez soldados para, desfaçados, executarem aquelle plano, vou pedir-lhe se sirva declarar-me si isto é verdade, e me conceda licença para usar como convier de sua resposta.

Sou de V. S.

attento venerador

Jose Marques de Souza.

Sr. José Marques de Souza. — Permitta que responda o que o Sr. me pede. O Sr. Malaquias me procurou e me disse que tinha trez supplicantes do *Alabama* que tem fallado muito no seu nome. Eu perguntando o que elle queria fazer; me disse que queria quebral-os de pau. Eu perguntando a elle si se tirasse a pilheria do *Alabama* ficava satisfeito; disse-me que sim. Fui eu pedir ao Sr. Marques e elle me cedeu (*) Fui a casa do Sr. Malaquias no outro dia dizendo o que se tinha passado com o Sr. Marques, disse-me que tinha feito muito mal em servir de seu padrinho, e que quando elle me tinha chamado que «era para quebral-os de pau e não para servir de padrinho, e que não queria ir nem para o céu, elle furava um olho a seu para furar dous do seu inimigo; não tenho mais que me occupe o meu pensamento para lhe explicar.

Seu etc. etc.

Pedro Machado da Silva.

Illm. Sr. Francisco Candido Rodrigues. — Constando-me que V. S. hontem à noite estando conversando com algumas pessoas, apparecera o Sr. Pedro de tal Machado, e dissera que o Sr. Malaquias José dos Reis o havia convidado para espantar não só a mim, como a meus dous socios, vou pedir-lhe que por sua bondade e em abono da verdade me declare si isto é certo, e si ouvia mais alguma cousa do dito Machado, e me concederá licença que me utilize de sua resposta, como me couvier.

Bahia 15 de julho de 1864.

De V.

Attento Venerador e obrigado

José Marques de Souza

Sr. José Marques de Souza — Respondo a sua carta dizendo que na noite de 12 do corrente, na porta de uma pastelaria na rua da Misericordia, encontrei o crioulo Machado de tal, morador na freguezia de Santa Anna, dizendo que o Sr. Malaquias José dos Reis, já por duas vezes lhe havia fallado para elle escapar ao Sr. e seus dous companheiros, muito principalmente ao Sr. Agrapina, e que como elle se negara a isso, em razão da amizade que tem a V. o mesmo Malaquias lhe pedira que visto elle não querer, se incumbisse de arrastar-lhe trez soldados desferçados que isso quizessem fazer; offendendo-lhe que dinheiro não faltaria, e mesmo quem pedisse, caso fosse preso, visto o odio geral

(*) Realmente ignoramos que o *Alabama* até hoje se occupasse com a importante pessoa do Sr. Malaquias.

que contra si tem adquirido o *Alabama*, de muita gente boa.

Foi tudo o que ouvi e do que V. pode fazer o uso que lhe couvier.

Sou de V.

patricio etc. etc.

Francisco Candido Rodrigues.

Illm. Sr. Agapito Ramos de Oliveira. — Constando-me que V. S. ouvira da bocca do Sr. Pedro de tal Machado que tinha sido convidado para espantar a mim e a meus socios pelo Sr. Malaquias José dos Reis, e que este lhe havia feito muitas promessas, vou pedir-lhe me declare si é verdade e o que mais sabe ou ouviu a respeito. Permitta que faça o uso que me couvier.

15 de julho de 1864.

De V. S.

Obrigado e criado

José Marques de Souza.

Senhor José Marques de Souza. — Respondendo à sua carta que me foi hontem dirigida, cumpre-me dizer-lhe o seguinte: Na noite de ante-hontem, (12 do corrente,) sendo pouco mais de 9 horas, passando eu pela rua do Collegio encontrei na quinta da botica do Sr. Manuel Rodrigues da Silva o crioulo Machado conversando com os Srs. Francisco Candido Rodrigues, Jacob Benatar, Joaquim Rodrigues de Almeida, e Antonio Luiz de Magalhães, e como tive de parar ali para fallar com os mesmos, ouvi o dito Machado dizer que o Sr. Malaquias José dos Reis lhe tinha prometido dinheiro para elle dar muitas cacetadas nos proprietarios da typographia onde se imprime o *Alabama*, e que com especialidade lhe tinha recomendado o Sr. Igrapina, por terem elles pintado no mesmo periodico a sua caricatura de archote na mão, e que disse-lhe tambem que nada receiasse pois haviam muitos figurões que estavam promptos para lhe defender no caso que alguma cousa lhe acontecesse; ao que respondeu elle Machado, que não podia se prestar à semelhante pedido, e que o unico favor que lhe podia fazer era ir pedir aos moços da typographia para não escreverem mais contra elle; ao que tambem respondeu o dito Sr. Malaquias que tal pedido não fizesse, que preferia antes morrer momentaneamente no meio da rua; e ainda o referido Machado que o Sr. Malaquias tinha por diversas vezes deixado recordos em uma venda para elle ir à sua casa pois tinha um importante negocio a tratar, e que indo à casa do Sr. Malaquias foi ali convidado para tal fim, por

que não obstante o ter logo desenganado, o mesmo Sr. Malaquias ainda continuava a fazer-lhe tal pedido todas as vezes que o encontrava.

E' o que tenho á dizer-lhe a bem da verdade por ter tudo ouvido da bocca do Sr. Machado, e para o que estou tambem prompto á jurar si necessario fór, assim como pode V. fazer de minha resposta o uso que lhe convier.

Bahia 14 de julho de 1864.

Sou de V.

Agapito Ramos de Oliveira.

Sr. Guilherme Augusto de Miranda.—Tendo me constado que V. S. fóra uma das pessoas a quem o Sr. Pedro Machado dissera que o Sr. Malaquias José dos Reis o convidara para me espancar e a meus socios, vou pedir-lhe que em abono da verdade me declare se isto é certo e o que mais sabe. Conceda-me licença para que use desua resposta como me convier.

Bahia 14 de julho de 1864.

De V. S.

Attento Vnr.

José Marques de Souza.

Sr. José M. de Souza.—E' verdade que hoje pelas 9 horas encontrando eu com o dito Machado na rua do Bispo elle me disse que tendo recebido recado do Sr. Malaquias José dos Reis para que lhe fosse fallar, encontrara com elle na ladeira da Praça; então nesta occasião lhe perguntara elle Malaquias, si não tinha visto o que tinham escripto contra elle e que até o tinham pintado com um archote na mão tocando fogo em uma caza, o que elle Machado respondera que de nada sabia porque não lia folhas, mas que sendo camarada de V. lhe pederia para que não continuassem; o que assim o fez e encontran-to-se de novamente com o Sr. Malaquias lhe dissera si estava satisfeito o que o dito senhor lhe respondeu que não, pois o que elle queria era mandar quebrar aquelles negros de pan e que para isto é que o tinha procurado pois que tinha dinheiro e amigos para o defender e que elles lhe haviam de pagar; o que elle Machado dissera que a mais nada se prestava pois nunca foi acostumado a dar em pessoa alguma e muito menos por interesse; é na verdade o que se passou, podendo V. fazer desta resposta o uzo que lhe convier.

Sou de V. etc.

Guilherme Augusto de Miranda.

Illm. Sr. Antonio Luiz de Magalhães.—Como me constou que V. S. ouvira o Sr. Pedro Machado dizer que o Sr. Malaquias José dos Reis o tinha convidado para espancar a mim e a meus socios peço-

lhe que me declare si isto é verdade, e me conceda usar como me convier de sua resposta.

De V. S.

muito obrigado vnr.

José Marques de Souza.

Sr. José Marques de Souza.—Em resposta a sua carta tenho a declarar que na noite de 12, seriam 9 horas, estando com algumas pessoas ali tractou-se sobre o periodico *Alabama*.

Nesta occasião appareceu o Sr. Machado crioulo, e disse que o Sr. Malaquias o mandara chamar e lhe propuzera que fosse espancar os donos da typographia, onde se imprime o *Alabama*, especialmente o Sr. Igrapiuna, por haver estes Srs. o pintado na mesma folha e que nada receiasse porque elle tinha dinheiro para gastar como tambem havia muita gente grande interessada nisto e que elle Machado se recusara.

Sem embargo do que o referido Malaquias continuava a lhe fazer egual pedido o que estou prompto a jurar si for preciso. Pode usar como quizer de minha resposta.

Bahia 14 de julho de 1864.

Seu etc.

Antonio Luiz de Magalhães.

Illm. Sr. Marcolino José Dias.—Faça favor de declarar-me ao pé desta si o Sr. Malaquias José dos Reis em dias da semana passada mandara por V. S. chamar o Sr. Pedro Machado. Permitta que use de sua resposta como me convier.

Bahia 12 de julho de 1864.

De V. S.

Attento Vnr.

José Marques de Souza

Sr. José Marques de Souza.—Respondendo o que manda V. me perguntar declaro que na ante vespera de S. João ás 40 para 41 horas do dia encontrei com o Sr. Malaquias José dos Reis atraz da Cadeia, me chamou e perguntou-me si tinha visto o Sr. Machado, eu respondi-lhe que fazia dois dias que não o via, pediu-me o Sr. Malaquias que eu procurasse o dito Sr. Machado para lhe fallar, o que fiz, na volta que eu vinha para caza encontrando com o dito Sr. Machado lhe dei o recado que mandou o Sr. Malaquias José dos Reis; disse-me elle que ja tinha recebido este recado pelo Sr. Tricolino e pelo Sr. Domingos da venda; nada mais tenho a dizer e V. pode fazer uzo da minha resposta como lhe convier.

Marcolino José Dias.

(Estavam com reconhecimento publico.)

(Continua.)



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.^a

BAHIA 16 DE JULHO DE 1864.

N.º 85

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1.500 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

Continuou hontem, 15, o processo *Gravata*.

Juraram duas testemunhas.

A primeira, o Sr. Rodolpho Bulhões que disse que havia fazer o diabo, effectivamente o fez; depois de satisfazer seu genio, depois de declarar que leu a gazeta do Sr. José Felix dos Santos Rocha, que já *duas testemunhas tinham lido*, atirou nos proprietarios da typographia algumas flores que levava, entre as quaes sobresahiu a de *paschim*.

Jurou, todo o mundo o ouviu, que o Sr. Gouveia era *Gravata*, que assim era conhecido desde umas eleições da Sé, quando o Sr. major Balduino, tambem testemunha, depois que o conhecia por *Gravata* desde o *colleguismo* do batalhão!

Jurou mais que tinha indagado do postilhão, porque era a causa mais natural, lembrando-se ao depois de responder que *foira* por ter sido citado &c &c.

A segunda, o Sr. Aureliano Lisboa jurou melhor, jurou somente com uma pequena contradicção.

Disse que viu *fulano e fulano* receberem a gazeta no mesmo dia da distribuição, e que indagou si eram assignantes, por que suppunha que *seria sobre a distribuição interrogado*....

Logo?!

Esta minha terra!....

Minha terra produz em copia grata Mangarás, mangaritos e batatas!....

Cifrou-se isto a audiencia, além de algumas questões incidentes.

Continuará o processo na terça feira; jurarão ainda trez testemunhas que comparecerão.

Os Srs. assignantes, o publico, que nos desculpem a insistencia com que os convidamos para assistir ao processo.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 15 de julho de 1864.

Officio ao Exm. Sr. Presidente da Bahia, perguntando-lhe si o Dr. Augusto

França, chefe de secção da secretaria do governo, tem licença para advogar, e si soffre, nos dias em que advoga, o competente desconto do seu ordenado; o que é de esperar d'um *liberal* que não pode querer subtrahir os dinheiros que lhe não pertencem.

—Ao Illm. Sr. inspeccor da thesour. provincial da mesma, perguntando-lhe si nos dias que o Sr. Dr. Augusto França deixa sua repartição para servir de advogado, soffre o necessario desconto no seu ordenado, visto que a nação lhe paga para seu serviço e não para defeza de particulares.

—Divertiram-se muito, dem-me noticias.

—Tudo na ordem do costume: fogueitaria e luzes, folhas e vivas, poesias e flores, Chafariz de geringonça, theatro de fastio, pateada e indifferença.

O que de novo appareceu foi o palacete de Santo Antonio, com o qual se esforçaram alguns rapazes que bem merecem.

A illuminação alli foi por nove dias, tendo uma banda de musica no ultimo dia além das que comparecerem nos trez primeiros.

—E quanto aos emblemas?

—Fôram levados debaixo de perfeita ordem, demonstrando ainda desta vez os bahianos que são incapazes de manchar o dia de suas glorias e que são por tanto dignos de compartilhar os direitos dos povos livres.

—Sabe? Foi o *Alabama* (navio) a pique nas costas de França.

Irá tambem o *Alabama* (gazeta) a pique, na Bahia?

—Quem sabe?

Mas si for nas costas do França, advogado.... safal o peso será grande, não será agradável a carga.

—Que coincidência!

—O Sr. ainda crê em bruxarias!

Faz favor de não me aborrecer com o seu *pescocinho*?

—Ai! que o homem me conheceu!

—O *Alabama* de Latronopolis vae a pique.

—Deixal-o; fica na Bahia a gazeta.

—Estas coincidencias!....

—Que tem a gazeta com o vapor?

—Mas é que assim como o *Alabama* vapor, tinha contra si os federaes, o *Alabama*, gazeta, tem contra si os ladrões.

—Mas não vê a differença entre as causas?

—Mas não ouviu o outro dizer que antigamente pendiam os ladrões das cruces e hoje pendem as cruces dos ladrões?

—Ora deixal-os!

—A Exma. Sra. D. Bibiana aqui por Latronopolis!

E' novidade.

Que motivo a obrigou na avançada idade de 70 annos a deixar o seu ameno Paraguassú onde placidamente vivia nas delicias do pittoresco S. Francisco?

—O que heide fazer, Sr. capitão? Aquelle maldito procurador que faz *mal aqui a todos*, depois de reduzir-me á miseria, intendem que me havia matar a fome!

Depois de me haver roubado, e usurpado os poucos bens que possuia, até a ultima casa que me deixou o meu fiado *Totonio Tomas* irmão daquelle padre que morren aqui em Latronopolis, o ladrão tantas traficancias fez, tantos embarços me creou, que me poz na obrigação de vendel-a e então propoz-se a comprar-a dando-me a insignificante quantia de 400 rs. com o pretexto de que a casa estava podre, e eu não tive remedio senão estar pelo que elle queria.

E apanhando-se com a escriptura de venda, assentou o patife de massacrar-me pagando-me até a 500 rs.!

E eis aqui, Sr. capitão, o que me traz a esta Latronopolis, a ver si com minha presença aquelle coração de marmore se move, e minha miseria doe n'aquella alma impiedernida.

—E no entanto anda este ladravaz, este patife a arrotar honradez, e fallar em honestidade no meio da gente de bem!

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 15 DE JULHO DE 1864.

REVISTA DO MERCADO.

O giro commercial de vossa praça durante a semana foi animado.

Continua no mercado a affluencia de *gravatas e pescocinhos*. Não ha hoje moleque que não use da maldita *gravata*.

Quando fallamos em *gravata* é *genero e não pessoa*.

Esta observação se faz já que as testemunhas do Sr. Gouveia na Bahia juram que o conhecem por *GRAVATA*, o que não sabemos até agora !!!!!!!!!!!!!!!

Quem mais vive mais aprende.

O que admira é que sendo o appellido o *distinctivo das familias*, somente o Sr. Gouveia tenha o appellido de *GRAVATA* na sua numerosa e honradissima familia.

Houve na noite de 12 leilão de uma partida de *orgias* no escriptorio do correitor Victor na praça das Misericordias, 4.

Entrou o brigue *Coriolano* da cidade das Trampolinas com um carregamento de *traficancias*, objectos e dinheiros subtrahidos.

Appareceram no dia 12 na praça do *Forum* alguns fardos de *testemunhas falsas*, que não merecem as honras de ser mencionados.

Entre a carga trazida pela barca *Gouveia* veio um *lindo* garrote de raça *tourina* que foi *comprado* em leilão na praça do *Forum*.

Entrou de *França* o enter liberal *Augusto*, que manifestou a seguinte carga:

Banalidades 1 caixão, *Talento* 500 garcotas, *Sabedoria* 50 frasquinhos microscopicos, *Liberalismo* 2 canastras, *rancor* 1 vol.

Entrou a barca *Rodolpho* procedente de porto dos *Boiões* trazendo uma partida de *cygnismo*, desfacamento e *cupacismo*.

Criou-se uma agencia de *namoros nocturnos* na ladeira da *Fonte dos Sacerdotes*.

Abriu-se uma nova casa de banhos *aromaticos*, atraz da Sè 28.

Só funciona à noite de 10 para 11 horas.

A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

(Continuação.)

Illm. Sr. Joaquim Rodrigues de Almeida.—Constado-me que V. S. haitem á noite ouvira do Sr. Pedro de tal Machado que tinha sido convidado pelo Sr. Malaquias José dos Reis para não só espancar-me como também a meus socios, e que para isso lhe fizera grandes promessas, vou pedir-lhe que em abono da verdade, se sirva de declarar-me si isto é verdade. Aproveito a occasião para pedir-lhe a faculdade de usar como me convier de sua resposta.

15 de julho de 1864.

De V. S.
attento vnr.

José Marques de Souza.

Sr. José Marques de Souza.—Respondendo a sua carta, tenho a dizer que é verdade que ouvi que o Sr. Pedro Machado tinha sido convidado pelo Sr. Malaquias José dos Reis para espancar os donos da typographia onde se imprime o *Alabama*, principalmente um Sr. Igrapiona, isto pelo motivo destes Srs. o putarem em uma folha e que elle a isto se escusa a a pesar das promessas que elle Malaquias lhe fez; isto disse o Sr. Machado na minha presença, na dos Srs. Agapito Ramos e Antonio Luiz de Magalhães, e outros que comigo conversavam; estou prompto a jurar si for preciso. Uze como convier de minha resposta.

Bahia 14 de julho de 1864.

Joaquim Rodrigues d'Almeida Queiroz.

Illm. Sr. Anacleto Rufino de Carvalho.—Constado-me que V. S. estivera hontem á noite em uma reunião, onde appareceu o Sr. Pedro de tal Machado, e que em conversa este declarara que o Sr. Malaquias José dos Reis o havia convidado para espancar não só a mim como aos meus dous socios, e que elle se recusára por deferencia a mim, vou pedir-lhe declarar-me ao pé desta si isto é verdade, hem como os demais pormenores que se deram nessa conversa, pedindo lhe permissão para fazer o uso que me convier.

Bahia 13 de julho de 1864.

De V. S.

Criado, e obrigado
Jose Marques de Souza.

Sr. José Marques de Souza.—Em consequencia do que me pede nesta sua carta assiste-me o dever de responder-lhe que na noite de 12 do corrente appareceu o crioulo de nome Machado em minha raziua de negocio onde se achavam algumas pessoas mais, e travando-se nesta occasião algumas conversas, teve lugar a de uma intimação que tivera V. e seus socios nesse mesmo dia, para comparecerem no dia immediato perante o juizo da 1. vara, afim de responderem sobre uma calunnia derrubada sobre Malaquias José dos Reis, descrita no periodico *Alabama*, e nesta occasião passando a ser curioso perguntei ao referido Machado hem como os demais circumstantes, si passava por verdade aquillo que a gazeta tinha relatado, o qual explicou-se pela maneira seguinte:

Fui chamado pelo Sr. Malaquias José dos Reis para quebrar de pau ao redactor e mais socios do *Alabama*, em virtude de o ter putado com um facho incendiando predios alheios, e o cogado bastantemente nas linhas deste jornal, a cujo fim recusei-me em attenção ao Sr. Marques dizendo-lhe que antes me prestaria a fazer retirar o

seu nome, e por elle me foi respondido que com isso ficava satisfeito o que immediatamente passei a dar providencias implorando a essa typographia, voltando victorioso de meu pedido, dirigi-me ao Sr. Malaquias e o scientifiquei da certeza de meu promettimento o qual me foi respondendo que não só reprovava meu procedimento como recusava isso que tinha podido obter, por minha interceção, eu o que quero é que vossê os anniquille no pau, por quanto somos trez socios eu o Guoveia e um outro e me não importa que a redacção saiba desse procedimento meu. E a vista disto eu dirigi-me a sociedade do *Alabama*, e depozitei tudo quanto se tinha passado, de onde resultou chamarem a attenção do Sr. Dr. chefe de policia, e tudo isso me achou prompto a declarar mesmo em juizo si acaso for chamado a barra do tribunal. Nada mais posso dizer-lhe por quanto foi o que se deu no pouco espaço que o Sr. Machado aqui esteve, si mais alguma conzaha, elle não declarou, por tanto receba V. o que conscienciosamente lhe declaro do que pode fazer o uso que quizer.

Em 14 Julho de 1864.

De V.
etc. etc. etc.

Anacleto Rufino de Carvalho.

Illm. Sr. Leopoldino José do Monte.—Tendo eu sido informado de que V.S. sabia de um convite que o Sr. Malaquias José dos Reis fizera ao Sr. Machado para me espancar, e a meus socios, vou pedir-lhe que em abono da verdade me declare si com effeito sabe desse facto e como chegou elle ao seu conhecimento.

Permitta que use de sua resposta como me convier.

Bahia 14 de julho de 1864.

De V.S.
muito att. vnr.

José Marques de Souza.

Sr. José Marques de Souza.—Tenho a honra de responder-lhe em fe de verdade que na terca feira vindo eu subindo a ladeira dos Gatos, em companhia do Sr. José Maria da Natividade encontrei-me com o

Sr. Marcolino José Dias, que para elle me diriji perguntando a elle o que havia de novo respondeu-me que o que havia de novo, era os homens que queriam que elle fosse dar paucadas no redactor do *Alabama* perguntando-lhe a elle disse-me que era o Sr. Malaquias que tinha mandado por elle chamar a Machado e este lá chegando disse que era para meter o cacete no redactor do *Alabama*, este lhe respondeu que não era peito largo para dar paucadas, elle então que fosse ver dous ou trez soldados de linha desfarçados para isso

executar pois elle tinha dinheiro para pagar e muita gente boa para o livrar. E' o que tenho a dizer-lhe.

Deste que é de V. etc.

Leopoldino José do Monte.

Illm. Sr. Herculano Dantas—Vou pedir-lhe o obsequio de declarar-me si algum dia ouviu do Sr. Malaquias José dos Reis, expressões injuriosas e ameaças a nosso respeito. Permitta que use de sua resposta.

Bahia 13 de julho 1864.

De V. S.

Obrigado e criado.

José Marques de Souza.

Sr. José Marques de Souza.—Tenho a responder-lhe que sobre o Sr. Malaquias José dos Reis o que vi delle foi que estando eu no Forum elle fallara que havia de ver aquelles patifes do *Alabama* na cadeia para então elle Malaquias mandar prender a a Theodoro de tal que tinha sabido sua sentença contra o dito Theodoro e mais nada sei a tal respeito.

Uzará desta minha resposta para o que lhe convier e sou de V. etc.

Herculano Dantas.

(*Continua*)

Pede-se á filha d'um rato de tulha, morador á baixa dos Sapateiros o favor de não incommodar os visinhos com seus desfructes, entregando cartinhas a um homem branco *malhado* que dá grande escandalo em todas as ruas por que pissa.

Os incommodados.

Pede-se a certo moço que tirou contra a vontade do seu dono um cavallo, na noite de S. Pedro, o favor de o restituir, advertindo-se-lhe não ser elle a prata do papá que está ancioso por pegal-o.

O Duarte.

Pede-se a certo gallego das fontes dos ourives que não continue a roubar escandalosamente a seus freguezes, tomando-lhes 10000 rs. de arrependimento, quando se leva uma joia para ver e se a restitue por não agradar.

O olho viro.

ANNUNCIO.

Quem precisar dois fums estanhados proprios para cachaça, procure na rua da *Taboa grande* na casa em que morava a Sra. D. Ignez ou na rua do *Jardim* em casa do *Copo lavado*.

Umbelina.



O ALABAMA

SUPPLEMENTO.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

Petição feita ao capitão do «Alabama» ancorado em Lantropolis.

Licença, Sr. capitão
Para minha petição,
Si aqui me vê abordar
E' só para me queixar,
Do tratante mais atôa,
Que nos veio de Lisboa;
Do mais infame ladrão
Vergonha da geração

Sinto vir incomodal-o
E do tal besta fallar
Mas, preciso ser vingado
D'um bruto tão descarado;
Attenda Vossa Senhoria,
Por sua alta birria,
Para o retrato que faço
D'esse infame, vil devasso.

O supplicado, senhor,
Não serve... nem p'ra tambor,
De tão immundo lapuz
Faço o signal da Cruz.
Veneno não é tão mau,
Como esse cara de pau

Que para ser bem tratado
Só amarrado e surrado.

Attenda, por tanto,
Meu requerimento,
E depois de ouvil-o,
Dê deferimento.

O hisborria de quem vou tratar
E' tão vil, tão infame é safado,
Q'u o mundo não pode encontrar-se
Quem lhe possa bem, ser egualado.

E' ladrão, miseravel piseta,
Immoral assassino, embusteiro;
Toda casta d'infamia fará
Para ter o seu Deus—o dinheiro.

Para isso obter tudo é meio
Nada ha que o faça corar!
Infeliz, que a sorte fadou
Sem vergonha e para roubar.

Si preciso for para obtel-o
Pela lama de rojo elle andar,
Não exita, la mesmo o *foucinho*
Esse porco vil vac enterrar.

De torpezas é um charco immundo,
Da moral é vil perseguidor,
A decencia p'ra elle é nada
Seu *contacto* infunde pavor.

Capitão basta attender-se
P'ra o facto, que vou contar,

E veja si ha quem possa
Ao infame tregos dar,
Quando o tio daqui foi
Nas Europias se tratar,
Dous filhos, q'aqui teve,
A' elle foi entregar.

E disse:—« eu te encarrego
«Dos filhos que reconheço,
«Para que á elles faças
«Aquillo q'eu te mereço.

«O que á elles tu fizeres
«Não será tempo perdido,
«Pelo contrario, eu serei
«Sempre mui reconhecido.

«De lá eu lhes mandarei,
«Si a sorte me ajudar,
«Em qualquer occasião
«O q'eu poder ajuntar.

«Ao rapaz, que é teu primo,
«Dá decente occupação,
«Com a *menina* te rogo
«Tenhas toda precaução.
«Em favor della emprega
«Tua força e valimento,
«Com qualquer rapaz honesto
«Arranja-lhe um casamento.

«Prostituir-se não deixes,
«Q' isto vergonha seria,
«De mim e ti seu parente
«O munde o que não diria?

—*Meu tio*, disse o casmurro:
Juro os penhores guardari
E probar-lhe a todo tempo
Que bem o sei respeitari.

—*Por S. Cosme e Damião*
Bá certo, q'e s'eu não morrerá
Aos seus filhos e meus primos
Sempre heide defenderá

Torna o velho—« vé que a mãi
« A caza não vá vender,
« Que será d'elles, dous pobres,
« Se primeiro ella mórrer
Descance, Sr. diz o bruto;

—*Bá p'ra terra sem cuidado*
Bá certo q'eu cá fico

—*Dos primos encarregado*

E o pobre tio
Foi seu caminho
Deixando os filhos
Sós, com o sobrinho

.....
.....
Mas cré, capitão, que a jura
O imbusteiro a cumpriu?
Engano, houve demora
Em quanto o vapor sahiu.
Damnado, só esperava
Ver o tio as costas dar,
Para dos seus pobres primos
A desgraça começar.

Agarrou o rapaziño
Quiz fazel-o farinhaero,
Quiz depois.... mais adiante
Tornal-o um alcoviteiro.

O moço não sujeitou-se,
Da caza delle sabia
Isto bastou; de de então
Atè hoje, o perseguiu!

Este era o seu desejo
Ver-se livre do rapaz,
E por isso elle esperava
Ou por nefas ou por fas.

Livre da carga do primo,
A prima moça agarrou;
E, passado pouco tempo,....
Não digo, que faz horror.

Entretanto, o pobre tio
Dinheiro aos filhos mandava,
Mas, o abutre sedento
Toda quantia empalmava.

Uma vez o velho mandou
Um conto p'ra repartir,
Donde sahir deveria
Roupa para os vestir.

Mas cré, capitão, que o cafre
O dinheiro aos primos deu?

Mentira, nenhum viuentem
Nenhum delles recebeu!

Até mesmo a propria casa
Que a mãe por morte deixou,
Isso mesmo o besuntão
Total-a uma vez tentou!

E pode causar reparo
Dizer que elle roubou?
Elle que o cobre engoliu
E a prima deshonrou?

Capitão, eis ahi tem
O thema da petição,
Leia, despache, eu lhe peço
Por S. Pedro e S. João.

Me queixo, porque me anima,
Seu caracter justiceiro,
Por Deus, pelos Santos peço
Me agarre este *marinheiro*

Mas, como pode dizer-me:
—Dê quem falla? não conheço,
Os signaes desse gallego
Juntos aqui lh'o offereço.

—Tem a cabeça de zorra
Cara não tem, tem coração,
A boca, quando sorri,
E' propria a de um cação

De burro tem as orelhas,
O coração avermelhado,
Quem o vê creê que elle vive
Dia e noite emborrachado.

A lingua é o instrumento
Que conheço mais serino;
Falla de tudo e de todos
Seja do mundo ou divino!

Voz estúpida e rouqueaha
De metal desafinado;
Eis aqui fica pintado
O chefe, mor descarado.

E' este Sr. commandante
Meu tosco requerimento
Informe-se, e, depois disso,
Me dê seu deferimento.

Para esta petição
Eu lhe rogo bom despacho,
Que mande recolher prezo
Esse *cabeça de tacho*

O nome não sei o certo
Qu'isto elle não astocha
Mas, em sacos vejo escripto
Xico—sobrinho da rocha.

DESPACHO.

Bem certo de quanto allega
Passo já á despachar
Como quer a san razão
E a justiça manda obrar

Pelo exposto bem se vê,
Que o réu é criminoso,
E que,—o continuar solto
E' negocio perigoso

E tambem da informação,
Que teve o guarda-marinha
De pessoas fidedignas
No negocio de farinha.

Fica por isso provado
Que o labrego é ratoneiro,
Desses descaradões
Em arraujos de dinheiro

E, pelos seus precedentes
Que bem patentes estão,
Pelos quaes é conhecido
Na praça, como ladrão.

E tambem por outras queixas,
Que ha contra tal casmurro
Que em sciencia e acções
Leva a palma a qualquer burro.

Ordeno ao guarda marinha,
Que junto com o muxingueiro
Vão á cidade de baixo
Prender esse *marinheiro*.

Que, preso, logo o amarrem
Sem mais consideração,
Que o conduzam para bordo
E o mettam no porão.

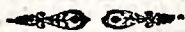
E si acaso riminar-se
Encostem-lhe logo a taca;

Podem lhe dar de chicote
Menos com pau, pedra ou faca.

E assim que conseguirem
Por o lapuz no porão,
Corram a casa, que habito
A' dar parte da prisão.

Porque immediatamente
Mando abrir o tribunal
E ser logo interrogado
De tudo até o final.

Para depois ser julgado
Em um conselho de guerra
E nelle ser condemnado
A' surra, ou mudar de terra.



—Lê-se no *Sancho Pança* de
23 do corrente:

Ui... ui... quem me accode?

O que é isto menino?

E' *sinhó* Gouveia que anda mettendo me
do a gente, papae.

Quem è esse patife, que Gouveia è este?

E' um francez cor de porco que os mo-
leques chamam *Gouveia cravate*.

Eu já sei, conheço muito... è um tal
que dizem sorjou um testamento falso e
que tem illudido a certo correspondente.

Papae, porque chamam elle *cravate*?

E' porque na *França*, julgo que esteve
na gollilha.

Papae, gollilha é *commercio*?

Não, meu filho, é uma argola de ferro
sonde se prendiam antigamente os homens.

E como elle diz, papae, que è negoci-
ante honrado?

E' porque na cidade de *Pipiripau* não
ha policia para os velhacos tratantes, e
ladrões.

Ui, ai,.... papae ai.... ahí vem elle.....

Elle quem menino?

O homem do *pescocinho*, que leva pela
cabo o hobo do sobrinho.

Que delles, para onde vão?

Vão para o Forum resolutos a metter o
Alabama no fundo.

Coitados!.. Um está demente... e
outro?...com vontade de fallir, porque le-
vou trez mezes em *muda* na gaiola da as-
semblèa provincial. Puf. puf. puf... fiauu...
fiauu... fora bebos....

—E—E—E—



Que diabo tem na barriga meu caro
Sr. gravata?

Pepineiras de tres engenhos e o assucar
constante de todas as safras, meu collega?

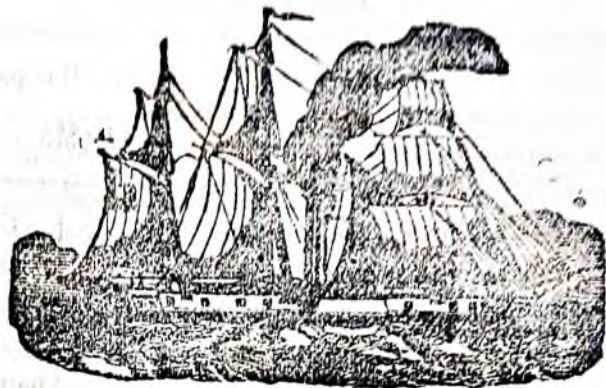
De menos isto Sr. *pescocinho*, seu collega?

E que duvida; não é V. S. como eu um
honrado negociante desta cidade de Pi-
piripau?

Algum dia Sr. *pescocinho* Gouveia, lhe
constou que eu falsificasse testamentos
para poder *adquirir* o nome de honrado
negociante?

Ora isto são caprichos da sorte....

Não meu gravata, são costumes de la-
drão— é a falta de justiça é o *somnambu-
lismo* da policia que consente que os la-
drões façam parte da nossa sociedade mo-
ralizada, já ouviu Sr. *gravatinha*? basta de
pipineiras pois já está no inverno da vida,
encomende-se a Deus para satanaz não tor-
nar conta da sua alma, si é que a tem, e
deixe-se de dár ao desfructe.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.^a

BAHIA 19 DE JULHO DE 1864.

N.º 86

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 1.5000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Uma vez por todas.

Devem ter logar hoje a accusação e a defeza no processo *Gravata*.

Solemnemente declaramos que o artigo em questão nem de leve se refere ao Sr. Antonio José de Souza Gouveia.

Si porém intende que as expressões—safado, ladrão, tratante e velhaco—lhe são cabiveis que as accete muito embora.

Si lhe ajusta a carapuça, sirva-se della.

Chame-se embor a *Gravata*, conheça-o assim a roda de seus amigos, parentes e afilhados; pouco temos com isso.

O que é certo é que o ignoravamos: o que é fora de duvida é que *por tal não é geralmente conhecido*, como ha de proval-o um nós-abaixo de mais de 100 pessoas, que será exhibido em juizo—nós-abaixo que conta artistas conhecidos e estabelecidos, proprietarios, pharmaceuticos, medicos, academicos, negociantes, caixeiros, despachantes, officiaes da guarda nacional e empregados publicos, todos moradores nesta cidade.

E para provar quem é o Sr. Rodolpho Bulhões que disse chamar-se o Sr. Gouveia de *Gravata* desde certas eleições da Sé, cuja data não precisou, lá será encontrada a assignatura do Sr. Ignacio Alberto de

Andrade e Oliveira, sempre, desde que o conhecemos, ha mais de 20 annos, involvido nas eleições dessa freguezia, sem com tudo conhecer ao Sr. Gouveia por *Gravata*!

E temos fé em Deus! a justiça ha de triumphar.

Que não haverá homem de boa-fé que assistindo a certos depoimentos deixe de sahir enojado, para triumpho da moralidade desta terra em que ha ainda caracteres honestos e respeitaveis!

Ao meio dia deve principiar o processo.

O accusador é o Sr. Dr. Augusto Ferreira França que nos manda dizer pelos seus amigos que só obrigado tal papel representa e apparece no tribunal rancoroso como o proprio rancor;—*liberal da moderna schola*, para a qual é responsavel o impressor, ainda depois da responsabilidade do editor, calcado acintosamente aos pés o artigo 7 do Codigo Criminal, feito glorioso da *schola liberal antiga*.

O advogado da defeza é o Sr. Dr. Manuel Joaquim Alexandrino de Andrade, muito conhecido no foro desta cidade pela sua elevada capacidade.

O nosso maior prazer será vermos o *Forum* concorrido.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 18 de julho de 1864.

Officio á camara municipal—Constando que um portuguez de nome Antonio tem no Gravatá uma propriedade situada n'um outeiro, e que diz o mesmo não sujeitar-se a melhora-la como fizeram outros, visto que o dinheiro que alli pode gastar empregal-o-ha em comprar outra caza para lhe render —fazemos disso sciente a Vv. Ss. para providenciarem a respeito.

Portaria ao fiscal geral para que se intenda com dous empregados da camara, com os Srs. Thomaz d'Aquino, capitão Faisca e seu filho, coronel Lourenço de Souza Marques e outros, sobre a enorme quantidade de cal que existe no caes do Pedroso, tendo em vista a postura 90. Cumpra.

—Ao guarda--marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao beco do Jogo nas Mercês e procure uma caza de jogo que alli ha e na qual se reuñem os soldados, a ponto de ao brado d'armas sahirem todos della, afim do intimar a seu dono, que ao menos por S. *Cypriano* se deixe de tal divertimento que é prohibido, não obstante estar a caza situada n'uma rua que tem um nome adequado. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que pegue todas as testemunhas falsas que encontrar e conduza-as para a Estrada Nova, afim de fazerem a limpeza desta, que se acha em deploravel estado. Cumpra.

—Capitão, temos de ver desmascarada a impostura.

—O que quer dizer com isso?

—Os calumniadores diziam que o Dr. Augusto França não fallava n'assembléa provincial porque era *acanhado*. Mas amanhã se desenganarão quando virem aquelle *bello* tanto se desinvolver na questão *gravata*.

—Ora este homem!

E a que vem esse palanfrorio?

—Que elle ganhou muito bem os oito bicos diarios da nação.

—Ora, Sr. Moutinho, pois o Sr. na repartição é que quer discutir sobre politica? Si ha de despachar ás partes, enfurece-se, enrubescce-se, e maltrata a ellas?

Pois a nação lhe paga para o Sr. tratar do que não dá proveito á ella?

—Cassuada, capitão.

—Que cassuada!

Assim é o bom do seu companheiro.

Na presença das pessoas muita affabilidade; n'ausencia insultos a toda hora.

Deixe-o estar, que com eile ajustaremos contas em breve.

E Vm. tome juiso; depois..... depois....

—Que folha é essa que traz Vm. na mão?

—E' o *Alabama*.

—Já não me ouviu dizer que não quero semelhante papel aqui, e para que traz cá esse diabo?

—Mas o que quer que lhe faça, Sr. empresario? Sou assignante e o postilhão entregou-me agora, aqui na porta quando eu vinha entrando.

—Não sei disso, o que digo é que tenho prohibido a entrada de semelhante folha, e por tanto quero cumprida minha ordem.

—Sr. Raulino, todos são negros, brancos e cabras, não?

Só o Sr. é que é branco, eim?

Sem duvida, sua cor o diz. os cabellos o mostram.

E' cor de do Caucaso, e cabellos d'Al-
lemanha.

—Que duvida, que duvida!

Sim de *Comber*; sou de *Comber* e irei para *Comber*.

—Que terra é essa?

Ah! lembro-me agora; é a terra dos tollos e dos ruivos!

O Sr. não nega fogo....

—Capitão, seus noticiaristas do 2 de Julho não deram noticias do patriótico batalhão—União Brasileira—que não devia ficar no esquecimento.

—Nem deram tambem noticia de outro qualquer.

—Pois dou-a eu; Caixeiros Nacionaes, representando o commercio, Minerva, representando as sciencias, e si o quizerem. União Brasileira representando as artes, q

melhor todas as classes, além dos militares que também se achavam.

—Mas a que vem isso?

—Vem para dizer que a União Brasileira é um dos primeiros batalhões que se crearam para o festejo do 2 de Julho, e é talvez o unico d'aquelles tempos que ainda existe, graças aos desvellos do Sr. França Guerra, seu digno commmandante.

—Beba, Caetano, beba! mande os liberais à fava!

A' saude dos nosso partido!

Beba!

—Ja bebi, capitão.

—Nosso partido é o copo e a garrafa; beba, Caetano, beba!

Deixa estes patifes fallarem.

—Sim, sim que elles calar-se-ha-se-hão.

Eu bebo, meu bom juiz, vivô!

—Assim, meu Caetano, beba que o vinho lhe abrirá os olhos,

—Mas eu cada vez fico com elles mais apertados, meu juiz!

—Beba mais que o sangue de Christo abre a vista, meu charo.

—Pois então bebamos! Viremos garrafas!

LA VAEVERSO.

Toyô o que tem me diga
 Toyô, vessê quer cazar?
 Quer uma moça de França
 E se atreve a vir jurar?

Jurar falso! Santo Deus!
 Bella recommendação!
 Veja uma vacca tourina,
 Que lhe darà geração.

Moça é para quem tem pejo
 E não para quem sa vende—
 Quem se sujeita a vilezas
 P'ra alcançar o que emprenhede.

A PEDIDO.

Será de liberal?

Ser empregado de cathogoria
 n'uma repartição, mamar um
 gordo ordenado, e andar no Fo-

rum advogando com prejuizo do
 serviço publico e dos cofres da
 nação que lhe paga?

Oh! si isto fosse na antiga
 Roma no reinado de algum Au-
 gusto ou mesmo na França sob
 o jugo de Napoleão, as sangue-
 sugas do suor do povo não zom-
 bariam impunemente da morali-
 dade publica.

Mas em ti, pobre Latronopolis,
 onde o vicio anda de colleirinho
 em pé o que não seiverá?!.....

A herança do liberal.

Será verdade que o Sr. inspec-
 tor do arsenal de marinha dera
 como rasão para não ir ao Te-
 Deum no dia de 2 Julho, o não
 ter sido convidado?

Si assim foi, é cousa nova, on-
 do progresso.

A espia de prôa

Capitão, vou contar-lhe uma façanha
 interessante, propicia da companhia do o-
 lho vivo.

Um certo moço, servente de uma re-
 partição publica, no dia 8 do corrente re-
 cebeu do Sr. A, Francisco Cunha a quan-
 tia de 11,000 rs. para pagar os emolu-
 mentos de uma certidão na mesma repar-
 tição em que è servente.

Mal recebeu, tractou logo de pagar uns
 cobres que devia a um preto vendedor de
 doces, e o resto esbanjou!...

E que fez esse Sr. Cunha quando o
 procurou? nada; porque è homem de bom
 coração!

Apresentou o biltre evasivas, e disse que
 estava prompto o dinheiro em sua casa, e
 no dia immediato, o viesse tomar em mão
 do fiel do thesoureiro.

Porem qual não foi a sua surpresa,
 quando dirigiu-se ao dito fiel e couheceu
 que ainda não tinha sido paga a dita quan-
 tia!

Voltou immediatamente ao sujeito, este
 balbuciava, tremeu,.. e por fim disse-lhe
 que no dia 15, a traria, pois tinha a es-
 quecido em casa; mentira, infamia!!!

Não voltou mais à repartição no dia seguinte!..

Ora, Sr. inspector, é possível que se conserve n'uma repartição publica um homem desta ordem?... si V. S. não der as providencias, olhe que o Sr. Cunha está resolvido a ir se queixar a S. Ex.

Veja que não é só esse facto, muitos outros tem se dado com este sujeito, incapaz, indigno de occupar qualquer logar publico.

Au revoir.



Adverte-se ao Mathias cabelleira que não seja tão deshumano, porque si os animaes sentem os maus tratos, o que será de uma pobre criança que o mesmo tem como discipulo e a quem castiga despiudadamente, dando-lhe coices e atirando o pobre sobre a calçada da rua, sendo isto continnadamente?

A vizinhança.

Previne-se a dois moços moradores ás Portas do Carino n'um segundo andar tendo um delles o appellido de chupa-mel, que não entrem com graçollas, e a fazer macaquices das janellas para a vizinhança que não lhes dá nenhuma importancia, nem offendam as pessoas que por alli passam e mesmo que encontram. Deixem-se de viver nas janellas a presenciarem o que se passa nas casas particulares, e na rua desde as 7 horas da manhã até as dez da noite, para no outro dia estarem a propalar pela rua, e nos domingos nas egrejas, pois si continuarem a portar-se da mesma forma serão seus nomes publicados, e serão chamados pelo muxingueiro ao porão deste navio, com licença do capitão para serem por elle reprehendidos.

Um presenciador.

Retratação.

Tendo eu, abaixo assignado, escripto no

periodico—*A Experiencia*, aleivosias e injurias offensivas ao credito e reputação do Sr. Francisco Candido Rodrigues e de sua familia, pelo que em virtude de queixa que contra mim elle deu, mui mercidamente fui condemnado pelo juizo da 5. vara á quatro vezes de prisão e multa correspondente á metade do tempo, pena que estou soffrendo, desde o 1. do corrente; convencido porém, agora da injustiça que com o mesmo Sr. Francisco Candido Rodrigues procedi, offendendo-o sem razão e tão positivamente; certo do mal que sem consciencia pratiquei e do prejuizo que poderei ter feito a sua dignidade; como reparação, venho do alto da imprensa, retratar-me de tudo quanto hei dito e arrependido pedir-lhe perdão de taes injurias.

Espero que esta franca, sincera e expontanea declaração seja recebida pelo Sr. Francisco Candido Rodrigues, como a mais publica e solemne satisfação, que perante Deus e os homens lhe dou; affiancando-lhe que, em troca de sua generosidade, nunca mais me occuparei de seu nome,

Bahia 15 de Julho de 1864.

Francklin Cezar da Silva Lima.

(Tinha o reconhecimento publico.)

(*Jornal da Bahia.*)

ANNUNCIO.

LEILÃO

hoje terça feira

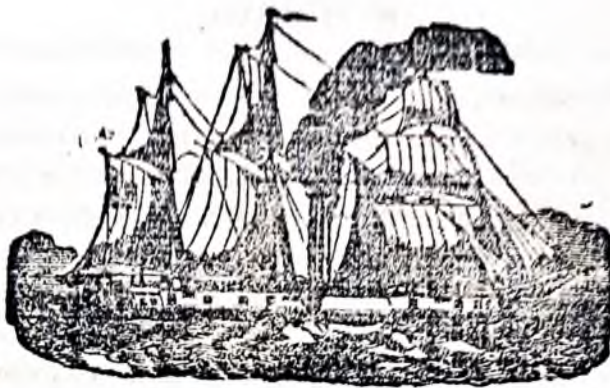
NA PRAÇA DO FORUM.

DE LATRONOPOLIS.

Será vendida sem reserva por conta de quem pertencer uma porção de *massadas oratorias*, *discursos somnolentos* e *expressões dssabridas*, chegadas de França no cutter liberal *Augusto*.

E' livre de direitos para o arrematante.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.^a

BAHIA 21 DE JULHO DE 1864.

N.º 87

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

I.

Teve logar, como haviamos annunciado, a continuacão do processo *Gravata* no dia 19 do corrente.

Juraram duas testemunhas, deixando de comparecer a outra por se achar gravemente enferma.

A accusação. foi um *bréharetur* solemne.

O accusador, pelo seu nome talvez, muita sympathia tem á França; andou por toda vella e importou *Rosalus*, *Benjaminus* e *Chassans*; mostrou seu gosto pelo estrangeirismo, deixando de parte o nosso codi-go, talvez por ser formulado por brasileiros, alguns dos quaes, quem sabe? não são de raça caucasiana pura; e são por tanto bodes e negros, entidades das *MAIS infimas camadas da sociedade*, como a respeito dos impressores se expressou o talentado advogado!.....

E depois de spargir ainda mais odorife-ras e bellas flores por sobre os moços, quaes a de gazeta libertina, sordi lo lucro, serpes venenosas, botes e mordidellas, lembrou-se de dizer que os impressores podiam ser filhos do Sr. Gouveia!

Seriamente?!

Pois entidades das classes mais infimas

da sociedade podem ser filhos do Sr. Gouveia, parentes do Sr. Augusto França, pessoa de tão elevada jerarchia, que ousa n'um paiz em que a constituição nivelou a todos plantar distincções odiosas, criar classes na sociedade?!

Não é possível!

Si está *mangando*. não tem resposta.

Os orgulhosos são castigados pelo mes-mo orgulho.

O castigo do vicio é o proprio vicio.

Os que se elevam serão humilhados, diz o Evangelho.

Julgue porém o publico por ali do libe-ralismo do neto do proverbial finado Dr. França.

E quando o julgar, que se lembre de que presentemente cahiram as nobrezas de familia; a nobreza unica que hoje vigora é a da virtude e a da honra.

E os proprietarios da typographia em que se imprime o *Alabama* tem tanta honra como qualquer fidalgoite intitulado, embora entidades sabidas das classes *mais infimas* da sociedade; são tão honrados como se presume ser o Sr. Augusto França, ou o seu digno constituinte o Sr. Gouveia!

E são tão honrados, como muita gente boa não o pode ser, porque o Sr. Augusto França sabe, que ainda prevalecendo a nobreza de geração, os traidores á causa da

patria não ha na familia alguma, e os impressores de *Alabama* não tem em sua geração deputados que quizessem conservar sua patria no dominio do estrangeiro, especie de Calabares que o povo na sua linguagem commum, que o Sr. A. França como novidade apresentou, chrysouou mui significativamente de *lusitanos*.

E depois que se julgue da ousadia com que se apresenta no publico a fallar nas mais intimas e unidas sociaes um advogado, que pelas eleições mendiga votos de porta em porta, com o chapéu na mão, e que não ha ainda muito tempo em companhia do Sr. capitão João Carvalho apertava a mão de um dos proprietarios desta typographia, desfazendo-se em *francezismo* e cortezias, e se inculcando para o futuro, quando ia bater à porta do Sr. Dr. João Gonsalves dos Santos, por occasião da eleição provincial.

« Os accusados são defamadores. »

Não será acaso um calumniador convicto o advogado que abusando de sua immutabilidade ousa dizer que o *Alabama* trouxe a caricatura do Exm. Sr. arcebispo da Bahia, primaz do Imperio?

E' uma calumnia revoltante; a gazeta ingleza, *Punch*, da qual foi extrahida a caricatura alludida pode ser vista por quem quer que a queira ver na typographia.

Deixemos porém as flores do Sr. Augusto França e apreciemos os fructos de seu elevado talento.

II.

A responsabilidade não pode ser acceita, porque diz Chassan que não pode, e o que Chassan disse esta dito.

Não pode, porque é vaga e Chassan quer que seja a respeito de cada artigo.

De sorte que amanhã o Sr. Dr. Rocha e o Sr. Dr. De netrio terão de apresentar uma responsabilidade de editor por cada noticia-diversa, por cada annuncio que for publicado em suas cazas, ou nos seus jornaes.

De sorte que na jurisprudencia de Chassan e do Sr. A. França o que se responsabilisa pelo todo não responde pelas partes.

« Não pode ser acceita a responsabilidade porque não vem acompanhada de documentos valiosos, que provem a nacionalidade e o gozo dos direitos politicos do editor. »

De sorte que quem é qualificado na Bahia como votante, reconhecido por brasileiro, com folha corrida provando que não tem crime, não é conhecido, não pode ser editor porque não o querem Chassan e o Sr. Augusto França.

Mas não! ha um certificado que prova que o editor está condemnado, e como o está, ainda que o não estivesse quando assignou a responsabilidade, não pode ser acceito, porque assim opinam Chassan e seu discipulo Augusto França.

Pelo amor de DEUS!

Nem tanto abusar da paciencia do publico, nem tanto zombar da bondade do juiz!

III.

Depois d' uma tão brilhante argumentação, eram precisos applausos, e o orador trouxe novas flores.

Fallou em *Alabama*, vapor, e chamou-o de *pirata*, ladrão da fortuna e propriedade de seus inimigos, os federacs.

Fallou em *Alabama*, gazeta, e disse que só o titulo demonstrava o que era ella, que para um fim sinistro fora criada.

E entretanto o Sr. Augusto França foi della assignante!

Fallou em *Alabama*, gazeta e chamou-o de ladrão da honra alheia!!!

Contra essa injuria, lançada a esmo, por indiscrição ou orgulho, protestam todas as pessoas honestas e morali adas que assignam a gazeta, que para sua sustentação contribuem.

Contra essa maneira apaixonada de julgar protestam os membros d'assembléa que liam o *Alabama*, no meio de risos e na vista do publico, principalmente quando iam mostrar ao illustrado advogado a *parte marítima* que noticiava a entrada ou sahida do enter liberal *Augusto*, que ou ia para ou via de *França*.

Contra esse aleive que só se atreveria a pronunciar o Sr. Augusto França na sua immutabilidade de advogado, protesta o proceder do digno Sr. Dr. Promotor Publico, que não tem necessidade de satisfazer caprichos, despeitos e paixões, de quem quer que seja.

Contra tao ousado desaforo protesta ainda o proceder do publico (para o qual tanto appellava o Sr. A. França) que esmagava sob sua reprovagão o conhecido Dr.-Em

Brigos, entidade de duas caras, Jano de nova specie que depois de adular miseravelmente aos impressores, atirava-lhes quando não o podiam elles ouvir, o labéu de reus de policia.

E quanto à opinião publica de que tanto encheu a boca o Sr. A. França, dir-lhe-hemos que ainda no domingo, no meio do festim popular em Itapagipe, a mocidade sperançosa que acabava de render um preito de homenagem à memoria do venerando Labatut, victoriava com estrondosos vivas ao *Alabama*, na presença do Sr. Dr. Promotor que abi se achava e na de muitas pessoas gradas entre as quaes os Srs. Drs. Luiz Alvares, Francisco Alvares os Santos, Emygdio dos Santos, etc. etc.

IV.

A defeza foi resumida; cifrou-se em negar que o artigo se referia ao Sr. Gouveia, que quer a força ser Gravata, e em provar que não são responsaveis pelo artigo os impressores.

Bem se vê que para tão pouco não era preciso causar somno aos assistentes, indo tomar apanhamento das sessões das assembleas francezas, quando se discutiam projectos sobre a liberdade da imprensa.

Ao concluir-se, diziam *una voce* o Sr. Gouveia e seu advogado:

« Morreu affogado »

Veremos, charos Srs!

« Deixem o jubilo para a occasião da victoria; »

Na sexta feira lerá a sentença o Sr. Dr. juiz municipal.

Ao menos sperem por ella.

Não vão tão depressa que podem cabir.

Quem corre cança.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 20 de julho de 1864

Officio ao secretario do governo da Bahia, para que informe quantas vezes tem faltado à repartição o chefe de secção dessa secretaria, o bacharel Augusto Ferreira

França, isto depois que encerrou-se a assemblea provincial, e sob que pretexto tem sido commettidas essas faltas.

—O Augusto França disse que A. J. S.

Gouveia se chama Gravata, por causa do laço da gravata.

—E' familia de fidalgos, herdam a fidalguia em tudo. O velho França andava mettido n'um gravatão, o Gouveia que é parente andava enforquilhado n'um grande laço.

—Mas hoje o Sr. Gouveia anda de tãu. berlick, ja se não pode referir a elle a pilheria.

—Está claro, agora a pilheria é com o *Pescocinho*.

—

Viram o liberalismo do Sr. Augusto França?

Cham u de *mais* infimas camadas da sociedade aos impressores do *Alabama*.

—Elle mesmo me parece um *mais* infimo.

Onde achou o illustre advogado este termo?

—E' superlativo de nova specie; é o *mais optimo* advogado que tenho visto.

—S ria bom que em vez de querer passar por erudito citando juriconsultos francezes, se dêsse ao trabalho de estudar gramatica para saber sua lingua.

—Apoiado; era *mais melhor* que em vez de descompor a quem nenhuma importancia lhe dá, fosse apprender que *infimo* é um superlativo, e que dispensa o seu o *mais*.

—E ainda terá cara de se dizer liberal um homem que n'um auditorio daquelles ousou iusultar a tres moços, tão honrados, pelo menos como elle, porque são de cor parda?!

—Si tera?!

E r graça é que ainha haverá mulatos que digam que elle é liberal e que lhe dem votação, para elle, depois de exaltado, apreciar as entidades sahidas das *mais* infimas camadas sociaes.

—Deixal-o: é mundo, vamos vivendo, Demos tempo ao tempo.

—

—Que horrivel cacophaton sahe no *Alabama*!

—Q. al?

—Boca Gouveia

—Cá, cá, cá!

Falta só um—se—
Está direito, rapaz.

—Proclamação na Ordem 5. do Carmo, e nem os terceiros se lembraram de mandar lupar a frente daquella nunca concluido hospital!.....

Uma cloaca, feita pelos vizinhos que não tem pena do nariz e da saúde dos outros, e allí defronte do Sr. subdelegado, que é da ordem!.....

—E' realmente censuravel.

Tanto mais quando podiam alugar aquellas ruinas para serem aproveitadas.

—Por lá se bajam.

—Portanto, charo Sr.,...

—Oh! Sr.! principia por *portanto!*

—E' costume de França e eu sou francez.

Portanto, tenho o direito de pensar como o Sr.

—Ora meu DEUS!

—Mas que

—Mas que, o que, Sr.?!?

Masqué é francez, significa mascarado.

—Já não lhe disse que sou de França?

—Ora não me aborrega!

—Sr. estou apenas citando as expressões do Dr. Chanchan, que é francez, mas que, emfim, finalmente, é catholico christão.

(Apoiados do Sr. Dr. Em Beiços.)

—Ora viva, Sr!

—Portanto, Chanchan é contra os testas de ferro, que são uns miseraveis, mas que não são cidadãos.


—Muito bem, muito bem.

Um burro carregado de livros é doutor.

Receba os meus cumprimentos, Sr. echo do Dr. Chanchan.

Mofina.

Si o Sr. Augusto Ferreira França não declarar quantas são as camadas da nossa sociedade e á qual dellas pertence, é um destructavel de quem se deve ter dó.

Um da camada  mais infima.

A PEDIDO.

Por Santa Fortuata, (que se

não nega a quem a procura) pede-se ao Sr. Valente ex caixairo da casa commercial do peixe-marinho, que preste se ou facilite os meios para que seja desencarcerado o moço, visto não ter sido elle quem recebeu os cobres, e não chame-se á ignorancia porque continuá.

Pergunta curiosa.

Pergunta-se ao Sr. subdelegado da Sé, que gritos foram uns d'aqui d'el rei que se deram no dia 14 do corrente ás 5 horas e meia da tarde, em uma casa á ladeira da Praça defronte da botica do Sr. Maximo? Dizem os capotes que fôra um official do S. batalhão de infantaria que mandou dar pancada pelo seu camarada em uma mulher que na dita caza vende....

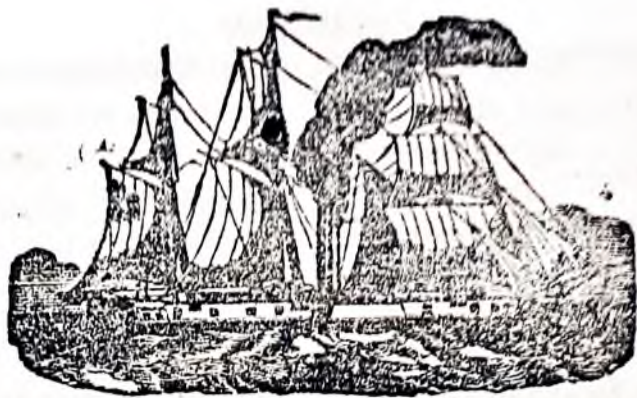
A ser verde, pede-se ao Exm. Sr. commandante das armas que dê as providencias, pois que es camaradas não são guarda-costas.

Pergunta-se ao porteiro do forum ou ao official de semana, si as pessoas que comparecem á barra dos tribunaes devem ficar de pè; no caso contrario, não havendo cadeiras, dignem-se mandar collocar allí *tamborettes*, que é cousa propria, afim de não ficarem os réus sem assento, em quanto se acham formalmente repimpados certos parasitas.

Um massado.

ANNUNCIO,

O tenente do 5. batalhão da guarda nacional Augusto José da Silva acrescenta o seu nome por haver outro igual.—Augusto José da Silva Maia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.ª

BAHIA 25 DE JULHO DE 1864.

N.º 88

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

Os Srs. José Marques de Souza, Aristides Ricardo e F. A. S. Igrapiuna eram empregados da typographia do Sr. Guedes Cabral, quando ao primeiro e ao ultimo passou o mesmo Sr. a sua typographia.

Nesse tempo, além do *Interesse Publico*, imprimia-se o *Investigador*, o *Pirilampo* e o *Alabama*.

Por não ser conveniente aos dous Srs. continuarem com a typographia do *Interesse Publico*, restituiram-na a seu dono, e vieram estabelecer esta pequena typographia em companhia de seu companheiro Aristides, sabe Deus debaixo de que esforços, amparados pela generosidade do Sr. França Guerra que se lhes tornou assás favoravel, vendendo-lhes typos a pagamentos mensaes!

Os redactores do *Alabama* e *Pirilampo* acompanharam os novos impressores; veiu depois o do *Patriota* e mais tarde o do *Sancho-Pança*.

Responsabilisaram-se todos pelas suas gazetas; pelo *Sancho-Pança* o Sr. José João de Perouse e Mello, pelo *Patriota* o Sr. Domingos de Faria Machado, pelo *Pirilampo* o Sr. Belarmio H. Soares de Andrade, e pelo *Alabama* o editor contractado, res-

ponsavel perante a lei, o Sr. Theodoro José do Couto.

E' um meio honesto de vida, ou não é esse de que usam os impressores accusados e injuriados pelo *liberal* Auguste França?

Respondei, homens de boa fé, caracteres honestos!

São reus de policia como os chamou o *liberal* Joaquim Anselmo?

Ou essa machinação tenebrosa, esse plano monstruoso, esse desejo furibundo de os metter na cadeia provém de serem elles entidades sahidas das camadas mais infimas da sociedade?

A que estas reduzida, minha pobre Bahia!

Ja assim te cospem impunemente na face!

Ja os homens de cor parda são tratados em publico por camada infima da sociedade por quem se diz homem de ideias livres!

A que ponto de abatimento chegaste!

A' que aviltamento desceste!

Não importa!

Ha de chegar dia em que os reus de policia serão os que vivem à custa do suor do povo, harpyas insaciaveis do thesouro publico!

Ha de vir tempo em que a camada infima da sociedade se comporá dos trahidores de toda specie, dos phariseus da politica, dos judas e dos renegados, dos tyrannetes, despotas e regulos caicatas e ca-

terras que com a palavra —liberdade— uos labios semelham à serpe que se introduz na relva para picar ao viandante incauto, ou à sercia que attrahe ao simples com seu canto embevecedor!

Tende fê nisto, homens de cor parda!

Deixae que os *liberaes* do dia, o Sr. A. França e seu rancho, vos injuriem assim, calcando aos pés o § 1. do art. 6 da constituição que diz que são brasileiros todos os que nascerem no Brazil!

Deixae que ainda mais uma vez cuspam esses ligueiros de meia tigella na nossa carta d'emancipação eliminando o § 14 do art. 179 que diz que todos são aptos para os cargos do estado sem outra distincção mais que seus talentos e virtudas!

O futuro vingar-vos-ha, além de que as pessoas sensatas da epocha immoral e corrupta que atravessamos vos fazem justiça!

E nossa causa, a causa dos impressores Marques, Aristides & C., qualquer que seja seu resultado, tem por si a opinião publica, que è o maior triumpho a almejar.

—»»» «««—
EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 22 de julho de 1864

Portaria ao guarda-mariuha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que va ao beco do Oratorio e munte dessecar um pantano que alli existe. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que acompanhado do muxingueiro munido do competente colabrote, va ao Maciel de Baixo n.º 70 A, dispersar um ajuntamento de mulheres supersticiosas e homens phanaticos, occupados em praticas libertinas e exercicios perigosos a titulo de tirarem o diabo do corpo de uma mulher que alli ha. Cumpra.

—Que diabo de Dr. *Chanchan* é um em que tanto se falla?

—E' um estrangeiro que veiu de Fernando de Noronha.

—Olê! Era advogado dos sentenciados?

—Quem dera!

Pois V. não vê pelo nome?

—Ah! é o advogado da moeda falsa!

—Ora adeus! *Chanchan*, si o nome vale alguma coisa, é um moedeiro falso, fugido de Fernando de Noronha, que quer acabar com a liberdade da imprensa para não tractar dos ladrões!

—Ab!

O iman attrahe o aço; esta Latronopolis attrahe os ladrões

—Sr. Branco-maseavado, faça favor.

—Não devo nada a bodes e negros!

—Tem rasão, Sr. Branco-baixo.

—Baixo, não Sr.; eu sou bem alto.

—Mas fallo-lhe na cor, porque V. só vive a fallar em bodes e eu como sou mulato e tenho minhas duvidas sobre sua geração....

—Pois não vê que tenho os olhos azues e os cabellos louros?

—Ab! é verdade; olhos de gato, cabellos de raposa; não seja esta a duvida.

Mas qual è seu emprego?

—Eu fui caixeiro.

—Ah! mas não o é; não queremos saber o que *fumos*, queremos saber o que *emos*, Pois olhe, os bodes e negros tem meios licitos de vida.

O que faz nesta botica?

—Tracto da vida albeia.

—Por exemplo da de quem não se lembra de V. nem para escovar as botas do muxingueiro do *Alabama*.

Que mais?

—Namóro a

—Por isto! E' bom ponto a botica.

Mas porque não *arranja sua coisa* calado?

—Quem tem nariz quer cheirar,

Quem tem bocca quer fallar.

—Oh! muxingueiro!

Dá linguas de couro crú a este tratante, para satisfazer seu genio!

—Sempre è castigo de bode!

Graude DEUS!

—Muxingueiro, obra neste desertor do *Teixeira*!

—»»» «««—
LA VAE VERSO.

Um dia um ovo metteram
Dentro d'um certo *boião*
E taparam-no p'ra ver
Si sabia a geração.

Passados 21 dias
O boião embalançou,
Ficam todos já sabendo
Que o tal ovo não gorou.

Tirasse a rolha de mãe
(A mãe era o tal boião)
Sahê de dentro um pintainho
Cabelludo como cão.

Isto porém era o menos;
O que mais admirou
Foi que o pinto que nasceu
De boiões cheio ficou.

E' castigo, dizem todos,
Vão chamar o padre grego;
Isto não pode ser pinto,
E' o demo, l'arrenego!

E de feito pelo pé
Que era de pato se viu,
Que era falsa testemunha
Que dos infernos fugiu.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 22 DE JULHO AS 3
HORAS DA TARDE.

*Cotações officiaes da junta dos
corretores.*

Cambios.

Probidade.—50 per cento de desconto.

Venalidades.—nominal.

Devassidões.—ao par.

Immortalidades.—tende a subir.

Perversidade.—2 o/o de premio.

Philantropia.—zero.

Generos.

Egoismo.—Abundancia.

Corrupção.—Grande extracção.

Filhetismo.—Abarrotado.

Integridade.—Sem procura.

J. V. C.—presidente.

M. J. R.—secretario.

REVISTA DO MERCADO.

As transacções de nossa praça, na presente semana, foram como sempre animadissimas.

Houve leilão na Praça do Forum como tinha sido annunciado, de uma porção de *massadas oratorias*, que não foi vendida por se achar a maior do genero em mau estado.

Entraram alguns carregamentos de generos de importação.

Entrou a galera *Bacho* procedente da ilha das *Parreiras* com um carregamento de

dissanancias, e desharmonias para alguns caristas do theatro de Latronopolis.

O palhacote *Xico Corteira*, navio pertencente a insigne companhia do *Olherrico*, entrou do porto dos *Gutunos*, carregado de relógios *furtados*, canteiras *saccadas*, e *empalmacões*.

Chegou uma partida de *cortejos affectuosos e apertos de mão* por encomenda de alguns candidatos, para serem distribuidos nas proximas eleições pelo povo votante.

MOVIMENTO DO MERCADO.

Alarmas.—O movimento neste genero è animado.

Ha abundancia no mercado, sem embargo dos immensos consumidores e da extraordinaria procura que tem.

O carregamento do patacho *Rosa* consignado aos Srs. *Manuel da Silva e C.* chegado do presidio de *Pedro Santo* ainda está em ser.

Os consignatarios receberam uma proposta de um official do regimento 8 de Latronopolis para compra, com condição do navio ir descarregar na praça da cidade das *Ladeiras*. Suppõe-se que não foi aceita.

EXORTAÇÃO.

GENEROS ESPACHADOS.

Ilha da *Cciosidade* brigue *Teixeira* — maledicencia 2 caixas, *insultos* 10 baiaios, *detração da vida* alheia 20 saccos, *mandriice* 6 cestos à *Estabião e C.*

NAVIO A' CARGA.

França enter liberal *Augusto*; F. F. 10 fardos *xingamento*, 400 barricas *disparates*, 1 embrulho *desproposito*, 20 fardos *presumpção*, 5 canastras *eloquencia* *rexa*.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTO.

Palhacote *Franco* capitão L.P. chegado da villa de *Nossa Senhora do Monte* 400 maços, *l'arallhões* de cartas preparados 2 caixilhas *dados*, *chumbados* para o jogo da *lebre*, 4 *bahuzinho* preparados para a *releta*, 5 *volumes empalmacões*, 2 *bocetas faças*.

A PEDIDO.

Mofina.

O bacharel Augusto França como chefe de uma das seções da secretaria do governo ganha annualmente 2:400\$ rs. que saem a 200\$ rs. mensaes ou 6\$ 366rs. diarios.

Si o Sr. A. França nos 4 dias em que foi ao Forum advogar a causa do Sr. A. J. S. Gouveia recebeu o ordenado, não é claro que os cofres publicos pagaram 23\$ 364 para o Sr. A. França ir advogar a causa de seu parente o Sr. A. J. S. Gouveia?

Não é evidente que esses a quem chamou da *mais infima camada da sociedade* concorreram com seu suor para que o Sr. A. França os fosse accusar alli no Forum?

Mas a honestidade do Sr. A. Augusto França nos está a bradar que elle era incapaz de distrahir os dinheiros publicos em seu proveito no exercicio de funcções particulares. E nós acreditamos de boa fé.

A herança do liberal.

Si o Sr. Augusto Ferreira França não declarar quantas são as *camadas* da nossa sociedade e á qual dellas pertence, é um desfructavel de quem se deve ter dó.

Um da *camada* mais infima.



—Eis-aqui o *pardo velho da trombeta*.
—Enganou-se, é seu irmão.
—Ca, ca, ca, ca!!!

2 de Julho.

No domingo 24 do corrente. haverá em Itapagipe o festejo ao memoravel dia 2 de Julho.

É uma festa, verdadeiramente patriótica, despertada pela juventude daquelle lugar e seguida dos esforços d'um coração livre, d'uma alma elevada, d'um caracter magnânimo, como é o honrado veterano Sr. Hermenegildo Pereira d'Almeida.

Não entra nesse festim popular nenhuma odiosidade politica; diante do altar da patria curvam-se todos como irmãos.

Haverá na vespera à noite, a conducção do carro triumphal do Papagaio ao Rosario e no domingo a entrada que se dirigirá até a Calçada, voltando ao Rosario, onde se achará o palacete que será illuminado por trez noites, comparecendo nellas uma banda de muzica.

Haverá tambem desembarque de esquadra, fortalezas guarnecidas etc. etc.

Espera-se a concurrencia do publico para brillantismo do festejo.

TRIBUTO DE GRATIDÃO.

A S Ex.º Sr. general commante das armas nesta provincia, Manuel Muniz Tavares, não pode o abaixo assignado deixar de dirigir pela imprensa seu sincero agradecimento pela honrosa cooperação, que se dignou de dar ao patriotico e infallivel regimento *União Brasileira*, que nos dias do regosijo popular acompanhou os symbolos dos trophéos de nossas glorias.

Por sua gratidão e em nome de seus companheiros, queira pois S. Ex. receber este tenue porém espontaneo tributo do reconhecimento de quem sabe ser grato.

Bahia 15 de Julho de 1864.

Antonio Olavo da França Guerra.

ANNUNCIOS.

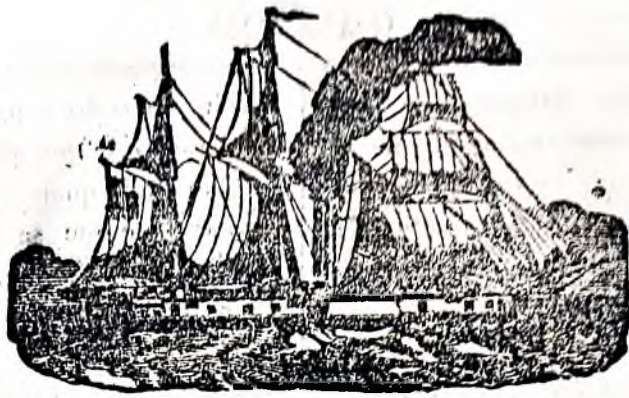
Convite.

Convida-se a todos os Typographos, Lithographos e Livreiros, á comparecerem na rua da Misericordia, casa n. 17 no domingo 24 do corrente ás 11 horas da manhã afim de tratar se de negocio conveniente aos mesmos.

Cosinheiro e servente.

No botequim em Santa Barbara junto a quina da rua dos Ourives se precisa do um cozinheiro e um servente livre ou escravo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.^a

BAHIA 26 DE JULHO DE 1864.

N.º 80

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 15000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

Como o Sr. Augusto Franca veiu ao *Diario* de 24 de corrente negar o que disse no *forum* na presença de mais de 200 pessoas, fallando ainda em aleivosias, defamadores e o mais que lhe reserve n'alma despeitada, temos por conveniente affirmar que as palavras que o Sr. A. Franca pronunciou foram estas, mais ou menos:

«Os accusados commetteram o crime por que todos sabem que quem quer descompor *vae alli*, dá dinheiro e publica-se a descompostura.

Sr. Dr. juiz municipal, esperamos que V. S. faça effectiva a lei, fazendo recahir a penalidade della sobre os accusados, *estas entidades* (apontando para os impressores) *sahidas das mais infimas camadas da sociedade.*»

E tanto foram estas as palavras que o accusador proferiu, que ao terminar-se a audiencia, á porta do *forum*, era geral a censura sobre as suas expressões, a ponto de por algum tempo não poder tomar follego o seu amigo Joaquim Anselmo, amigo prestante sem duvida, pois fora o unico que tivera a coragem de pronunciar duas palavras em prol da fama liberalistica do tal Sr. Augusto Franca.

Si porem o Sr. Augusto Franca não tem coragem sufficiente para carregar com a responsabilidade de seus actos; si a proximidades das eleições, de que se não lembrou no seu entusiasmo de accusador, ora lhe vem à mente; si vem pedir perdão em publico aos homens de cor parda, a quem na pessoa dos impressores injuriou tão desabridamente, cremos que lhe será dado o perdão, porque nem todos tem a animosidade do Sr. Gouveia Gravata (segundo seu gosto) que depois de formaes declarações, insiste no seu caprichoso processo.

Si nega, compaixão a quem não sustenta o que diz, ou obra, specie de gente que a linguagem commum e classica denominam de covarde!

Si arrepende-se, perdão, que para os arrependidos é o reino dos ceus.

E quanto ás injurias que aos impressores atira, elle que é tão inimigo dos defamadores, são recebidas como da boca de quem vem, isto é d'um moço imprudente que julga passar por liberal defendendo-se das injurias que proferiu contra os brasileiros, e esquecendo-se das accusações que lhe são feitas sobre percepção dos dinheiros da nação, indevidamente.

Consta-nos que será hoje lida a sentença do Sr. Dr. juiz municipal no processo *Gravata*.

Temos por conveniente transcrever aqui certos artigos do código criminal que se referem à questão, e com os quaes se prova que nem o artigo incriminado pode ser condemnado, nem por elle são responsaveis os impressores.

Art. 7. Nos delictos de abuso da liberdade de communicar os pensamentos são criminosos e por isso responsaveis.

§ 1. O impressor, gravador ou lithographo, os quaes ficaraõ isentos de responsabilidade, mostrando por escripto obrigação de responsabilidade do editor, sendo esta pessoa, conhecida residente no Brazil, que esteja no gozo dos direitos politicos etc.

§ 2. O editor que se obrigou etc.

Artigo 56. Nenhuma presumpção, por mais vehemente que seja, DARA' MOTIVO PARA IMPOSIÇÃO DE PENA.

Art. 240. Quando a calumnia ou injuria forem equivocadas, poderá o offendido pedir explicações em juizo ou fóra d'elle.

O que em juizo se recusar a estas explicações ficará sujeito às penas da calumnia ou injuria a que o equivoco der logar.»

O povo brasileiro, de cujas camadas mais infimas fazem parte os impressores, rege-se por esta lei, e não pelas opiniões de Chassan e pela vontade do Sr. Augusto França.

Prova de liberalismo.

O Sr. A. França lavou-se em agua de rosas, sangrou-se na veia da saude!

Disse que se dizia querer elle acabar com a liberdade da imprensa, mas que era falso. Seu unico desejo era cohibir os abusos.

E quem é o Sr. A. França para acabar com a liberdade da imprensa?

Vontade sabemos que elle a tem; o poder conseguir, *hoc opus, hic labor est!*

Aqui é que torce a porquinha o rabo.

Mas para que fique o povo conhecendo quaes as intenções do novo titan que pretende escalar os ceus, dir-lhe-hemos que o Sr. A. França com o seu Chassan às voltas quer:

Que quando alguém suspreite que um artigo se refere a tal pessoa, esta tenha o

direito de pedir reparação ainda depois de declaração de que a ella se não refere;

Que ainda quando só venha alguma particularidade que se assemelhe a qualquer predicado de alguém, este possa responsabilisar o author do artigo;

Que ~~ainda~~ *ainda não vindo o nome de pessoa alguma, compete á authoridade responsabilisar o artigo, como nos tempos dos famosos libellos de Roma.*

Então é ponta ou cabeça?

E' progresso, ou não é?

E' rolha, ou batoque?

E' a liberdade de exprimir os pensamentos em toda sua plenitude!

Taes theorias são a bitola por, onde devem todos medir o liberalismo do Sr. Augusto França.

A doutrina do tal Chassan é a pedra de toque em que se ha de apnrar a boa-fé do progressismo-liqueiro do neto do philosopho Dr. França.

E para que elle não se atreva de novo em publico a chamar-nos de defamadores, citaremos, dentre as innumeradas pessoas que o ouviram, os Srs. Joaquim Anselmo Alves Branco Moniz Barretto, que lhe estava dando apoiados em companhia do Sr. Dr. João Victor de Carvalho; Dr. Luiz Maria, pharmaceutico tenente Lisboa; Dr. Emygdio dos Santos, Dr. João Goncalves dos Santos, Dr. Eloy Martins de Souza, Cyrillo Pessoa e o proprio Sr. Dr. juiz municipal, que estamos certos, nos não deixarão morrer sós.

E agora, viva a liberdade d'imprensa Sr. Augusto França!

Vivam os liberaes da epocha, os gritadores da rua, como dizia ha dias o Sr. Dr. Fernandes da Cunha!

Vivam os patriotas d'eleição, mettidos entre as camadas mais infimas da sociedade!

Viva a liberdade!

Viva a nacionalisação do commercio à retalho!

Vivô!

Toca a musica!

Stá salva a patria e vencedor Chassan!

Jé, jé, jé, pô, pô, pô!

Toca o sino.

Nosso oraculo é Chassan, seu interprete

A. França!

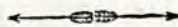
EXPEDIENTE.

Cidade de Estreopolis, Estado do Alabama
25 de julho de 1864

Officio ao Sr. subdelegado da Sé, para que mande recolher como douda ao hospital da charidade uma mulher que habita na casa n. 70 A, ao Maciel de Baixo que tem o louçavel costume de sabir nua em pleno dia para a rua e ahí satisfazer as precisões corporaes, com o pretexto de que tem o diabo no corpo.



- Que rua é esta?
- Ladeira dos Gatos
- Quem mora nesta casa?
- O Dr. Gustavo.
- Pois vá dizer ao Sr. Gustavo que isto não tem maneira. Estarem do seu telhado a arremessar pedras e enormes massas de barro para uma rua tão estreita como esta, e isto hoje domingo, dia em que passa tanta gente por aqui!



LA VAE VERSO.

Romance à franceza.

I.

—Amigo, não vou fallar-lhe
D'algum Benjamim Constant,
Nem tambem de *Rosalin*,
Nem do famoso Chassan.

Vou so contar-lhe uma historia
Que é de direito romano,
P'ra V. fazer ideia
Do que é o todo humano.

H.

D. Augusto foi trahidor
A' causa da liberdade;
Era do povo, foi rei,
Affligiu a humaidade

D. Augusto foi de Roma,
Não catholico-christão,
Mais eis que surge na França
Papys a Napoleão.

Trocaram pois seus papeis;
D. Augusto é ja de França;
Todo o francez no liquero
Deposita confiança.

Em quanto em forma Lulú
Lazarante utrapalla
P'ra cá chrei D. Augusto
Chama o povo de canalha

Aqui não; é lá na França
Que elle ostenta de Titan;
Hoje aqui quem predomina
E' o celebre Chanchan.

Mas si o papa, como dizem,
Si tornar fero papão;
Si lançar nos renegados.
Sua santa excommunhão;

Augustinho e D. Luiz
As nações não trocam mais,
Pois que serão das mais infimas
Das camadas sociaes.

III.

—Eu não pensei que era serio
O conto da carochinha?
Que Augusto era um rei pequeno
D'alguma nova Francinha?

—E que duvida! um fidalgo
D'sde seu primeiro avô
Que lhe deixou por herança
Flores que um dia tomou.

Flores, não, aliás galhas
Que lhe deram de presente,
—E o reísito de galhas
Ainda no meio da gente?

—As galhas são galhas d'arvore
E o menino é patriota,
Tanto que já da nação
Percebe grossa patota.

Tem uma bem boa, dizem,
Mamata do pobre estado,
E anda por luxo agora
Em gravatas enforcado.

—Olhe que França tem cousas
Que a gente toma por peta!

—Quanto mais si V visse
Pardos nelhos de trombeta!....

A PEDIDO.

Mofina.

O bacharel Augusto França como chefe de uma das secções da secretaria do governo ganha annualmente 2.400\$ rs. que sae a 200\$ rs. mensaes ou 6\$66rs. diarios.

Si o Sr. A. França nos 4 dias em que foi ao Forum advogar a causa do Sr. A. J. S. Gouveia recebeu o ordenado, não é claro que os cofres publicos pagaram 26\$664

para o Sr. A. França se advogar a causa de seu parente o Sr. A. J. S. Gouveia?


Não é evidente que esses a quem chamou da *mais infima camada da sociedade* concorreram com seu suor para que o Sr. A. França os fosse accusar alli no Forum?

Mas a honestidade do Sr. Augusto França nos está a bradar que elle era incapaz de distrahir os dinheiros publicos em seu proveito no exercicio de funções particulares. E nós acreditamos de boa fé.

A herança do liberal.



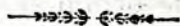
Si o Sr. Augusto Ferreira França não declarar quantas são as *camadas* da nossa sociedade e á qual dellas pertence, é um desfructavel de quem se deve ter dó.

Um da camada  *mais infima.*



Atenção.

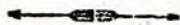
Pede-se ao Sr. Augusto Ferreira França o favor de declarar quaes são as pessoas honestas que foram atassalhadas no *Alabama* e em que numero, sob pena de passar, no caso contrario, por um despresivel e alumiador.



Chapa popular para juizes de paz do curato da Sé.

Os Srs.—Jovino Cesar da Silva.
Manuel Ignacio de Souza Menezes.
Dr. Arsenio Rodrigues Seixas.
Ignacio Alberto d'Andrade e Oliveira.

Um votante.



—Que vulto é aquelle que entrou na guarda principal de Latronopolis?

—Provavelmente é rondante.

—O rondante com traje de mulher é caso novo.

—Talvez alguma visita ao commandante da guarda.

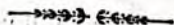
—Isto sim. Que dia é hoje?

—Sabbado

—Si fosse no dia de S. *Maurício* eu sabia o que aquillo quer dizer.

—Talvez o *Fonseca-meu-irmão* saiba; vou perguntar a elle.

Lessinha.



—Capitão, temos novidade.

—Novidade em que e porque?

—Pois não sabe V. Ex. que um sujeito

que em certo tempo *fez quiolun* e que hoje só quer comer *pipocas* de todo mundo assumiu a sublelegacia de uma das freguezias da Latronopolis? e que nesse cargo tem praticado os mais ridiculos disparates?

—E quem é esse birbante!

—E' um sujeito que depois de negociar em grande escala com *chapens de boi* foi sem mais nem menos appellidado de *chave falsa*.

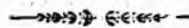
—Muxingueiro!

—Prompto, capitão!

—Nao vês aquelle *pilar*?

—V'jo, capitão.

—Pois amarra o patife de que se trate a elle e dá-lhe cem calabrotadis, e no caso de que se não emende aplica-lhe, muxingueiro, uma forte *salgueirada*.



Caspite, amigo *franco*!

Como vae de jogatina

Vm. na brincadeira

E' qual ave de rapina.



Aos Illms. Srs. tenentes-coroneis Cypriano da Rocha Lima e José Auto da Silva Guimarães tem o abaixo assignado a satisfação de dirigir seus cordiaes agradecimentos, por si e por seus companheiros do patriotico e infallivel regimento *União Brasileira*, que nos dias de entusiasmo popular acompanhou os carros de triumpho.

Si esse regimento tanto se aprimorou com as excellentes musicas do 8 e 10, e no dia 10 teve a honra de ver á sua frente um tão distincto brasileiro como bravo militar, deve-o sem duvida á bondade de tão dignos cavalheiros. Esquecel-o nunca, quando é dever consignal-o.

Dignem-se, pois, Ss. Ss. aceitar a publica manifestação do nosso reconhecimento.

Bahia 13 de junho de 1864.

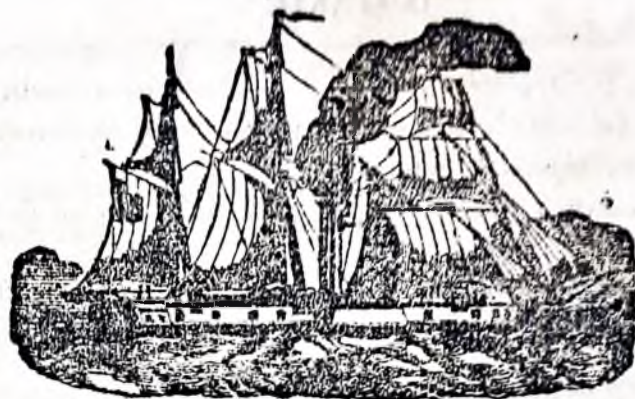
Antonio Olavo da França Guerra.

ANNUNCIO.

Atenção.

Adverte-se a certo commerciante, casado, que deixe-se de namoros com certa Messalina da ladeira da Conceição da Praia, sendo melhor que cuide em sua familia, que não é pequena. Prevenindo-se-lhe que si continuar nem só se publicará seu nome a par do de sua dulcinèa, como o de uma outra cuja.

Um espião.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.ª

BAHIA 28 DE JULHO DE 1864.

N.º 90

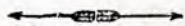
Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 18000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Duas palavras ao Sr. Joaquim Anselmo.

Como ousou dizer, à rua dos Adobes, a duas pessoas que liam o *Alabama*, que repetia o que tinha dito á respeito dos impressores Marques, Aristides e C. dizemo-lhe que si tem dignidade, si se presa de homem de bem, chame-os em qualquer gazeta de reus de policia, a fim de se lhe dar o competente troco.

E quanto ao que disse de se ir offerecer para accusador, louvamo-lhe o gosto, ficando certo de que podem representar a opinião publica pessoas, cujos actos não avergonham em publico, por não serem contrarios á honestidade e á lei.



EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de julho de 1864

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe sua attenção para a obra do largo de Santo Antonio, que se acha desamparada, expostos os sophás ao ar e á chuva, sem que tenham recebido a camada de cimento que os deve tornar solidos e duraveis.

—A' camara municipal para que dê

providencias em sentido de se não continuar a fazer da ladeira do Pilar deposito de materias fecaes.

—A' mesma no mesmo sentido sobre a Estrada Nova, para a qual se tem em vão pedido providencias.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que em companhia dos africanos livres se dirija á ladeira do Pilar e faça com que seja dalli removida a quantidade enorme de lixo e materias fecaes que tanto prejudicam á saude do povo. Compra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá á rua da Forca e examine o estado immundo da mesma e das boccas de lobo que alli ha, e faça remover tal escandalo, fazendo o que intender conveniente e dando-nos parte do occorrido; visto que em balde se dirijirá á Ilha, que está ás portas da morte e não dá accordo de si. Compra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Dr. Chanchan, pedindo diptoma de liberal para poder propor-se a juiz de paz. —Indeferido, por não concordarmos com os judas politicos que trazem nos labios a palavra liberdade e no coração distincções de classes e fidalguia: cumprindo ao supplicante, si quizer, para alcançar o grão que almeja, apertar a mão das entidades sabidas das mais infimas camadas sociaes,

var-lhes o chapéu até o joelho, levat-os a' botequim, abraçal-as, dar vivas à liga e à liberdade e beber com ellas, como ja fizeram os patriotas de Sant'Anna, na ultima eleição parochial.

—...—

—Olá, charo homem do balançaço!

—Balanceador, em seu creado.

Como fallou em balançaço, e os que bebem tem balançaço, salvei a redacção.

—Está de pulga á orelha. Gato ruivo do que usa, nisso cuida.

Mas para que ha de ser assim tratante? para que ha de intrigar os caixeiros, quando quer proteger outros? para que desacredita a pessoas que tem tal meio de vida?

—C le-se, meu capitão, por quem é.

—E' preciso que eu falle, para que te fiquem conhecendo, tratante!

—Capitão, por S. Fernando lhe peço.

—Como é covarde!

E' mesmo um *Gongalo* este miseravel poltrão!

Que lucro tiras nisto, tratante? anda, falla, diz!

—Capitão, pelo-cruz do Redemptor, misericordia!

—Amas a Cruz?

—Muito, capitão.

—Pois bem.

Muxingueiro!

Bota uma cruz de ferro ao pescoço deste tratante, para que o fiquem conhecendo pelo *balanceiro* mais ladrao e intrigaute queffrequentis esta Litronopolis.

—Capitão não sou nego fugido!

—E's mais do que isto, tratante! si não queres, mando-te marcar a ferro quente!

—Valha-me a cruz do Redemptor!

A cruz, a cruz, capitão, eu quero a cruz.....

—...—

—Sr. Dr. Chanchan, ha muito que o procurava, faça ideia do prazer que me domina tendo a honra de encontrar-o agora!

—Não dou attenção a entidades salidas das camadas mais infimas da sociedade.

—Tem razão, mas eu quero que me explique como é que se escreve para o publico, referindo-se somente aos homens honestos.

—Nada mais facil; é que o publico é só composto de homens honestos.

—Covarde!

E quem são os defamadores por industria?

De que sociedade fazem parte?

—São, como V., da camada mais infima da sociedade.

—Não se refere a elles portanto?!

Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Vija si me dá a este fidalgo um diploma de couro crú para a cidade de Suas-Costas, onde lhe darei um condado na provincia de *Palma*, departamento de Sant'Anna, reino de *França*.

—Oê, meu capitão!

Anda cá, biltre, presumpçoso dos seiscentos, tollo desaforado, *francez* d'um dar-do! anda! chega á obra, patife!

—...—

—Morreu o Quirino!

—Isto é velho.

—E morreu pobre!

—Menos isto.

—Toda sua riqueza foi-se naquelle maldito trapiche.

—Quem lhe contou?

—A prova está em que nem um galão velho vi hoje na Misericordia por occasião da missa do septimo dia; a urna de madeira da caza é que estava no meio da igreja!

—Não é possível; ou V. enganou-se, ou Quirino não morreu!

—...—

LA VAEVERSO.

Certo moço advogado
Que para *França* embarcou
Mandou dizer aos patricios
O tempo em que se formou.

«Foi agosto o acto meu,
Foi acto todo real;
Fiquei *francez* cá na *França*,
Mas *francez* que é liberal.

E do que digo p'ra prova,
O passado de meus paes
Por meu pehor affereço
Aos sinceros liberaes.

Vide bem, si em mim não credes,
Um antigo *Guoyeurzi*,

Onde pela liberdade
Veréis qu' até ando nú.

Deram-lhe bufas os homens,
E o enviaram à tabua;
O moço sahio da França,
E viajou pela lua.

Trouxe então novas ideias
Sobre o mote—liberdade;
Variou por tal maneira
Que na nossa sociedade

Descobriu plebeus e nobres,
De nobre se intitolou;
Descobriu defamadores
E por tal se apresentou.

Ca, cá, ca, ca, ca, ca!
Isto é rico, isto é galante!
Como vem o moço *augusto*!
Como está isto chibante!

Fian, fian!
Iscou, iscou!
Metta medo ao Gouveia
Que encafifou!

Processo Mata cobra

Ao meio dia presentes o capitão do *Alabama*, a queixosa, seu advogado Dr. Chanchan e os accusados com seu advogado, lê-se a queixa e em seguida escreve-se a defeza.

A primeira testemunha, assim como todas as outras em n.º de 6, são contestes em jurar que o jornal foi distribuido por mais de 15 pessoas; que a queixosa é geralmente conhecida por Mata-cobra; que anda de pau na mão em companhia de sua filha; que muitos mol ques a acompanham, e que é esse o seu batallão; pelo que o artigo se refere á queixosa, assim como por que muitas pessoas que o leram intenderam referir-se a ella, protestando contra a ouzadia de quem quer que o houvera escripto.

O capitão dá a palavra ao Sr. Dr. Chanchan que principia a accusação, que se resume pouco mais ou menos no seguinte:

Divido a accusação em quatro pontos: provar que Mata-cobra é a minha constituinte, que os accusados devem ser condemnados, que o responsavel não pode ser accoito e que o que Chanchan quer deve se fazer, pois assim faz quem pode e o que eu quero fazer porque eu ando e posso.

As testemunhas juram que a queixosa é Mata-cobra; um seu compadre que não tem engenhos assim a reconhece; o publico o confessa, eu o quero. . . . logo hantatas.

A injuria é palpavel, os accusados devem ser condemnados nos §§ 3 e 4 art. 236 do codigo com as circunstancias aggravantes dos §§ 5 e 11 do art. 16 por que de mais a mais os accusados, entidades sahidas das camadas mais infimas da sociedade, na bella e liberrima expressão do Sr. A. França, podem ser filhos da queixosa. E depois Chanchan o quer, eu sou Chanchan e viva quem vence!

O responsavel não pode ser accoito por que é preciso acabar com os miseraveis testas de ferro, e até porque não vem a responsabilidade acompanhada de documentos valiosos, por quanto o juiz de paz não pode attestar da identidade do qualificado, nem o subdelegado e a folha corrida devia se referir á epocha da assignatura da responsabilidade, que não tem valor por que é vaga, accrescendo que o responsavel está criminoso, como provo com o documento que leio. E depois Chanchan não quer, eu sou Chanchan, não o quero e viva a patria!

Tres pontos estão provados; outro no quarto.

Minha vontade é quem domina.

Estas serpes venenosas que andam dando mordidelhas em pessoas tão honradas como minha constituinte a Mata-Cobra, de cujos botes não me arreccio....

—Da Mata-cobra, ou da serpe?

—Sr. capitão, prohiba os apartes..... devem ser esmagadas!

—Si são serpes, a Mata-Cobra que as mate.

—Estas entidades sahidas das camadas mais infimas da sociedade devem ser metidas n'uma enxovia, por criarem uma gazeta, como muito bem disse o Sr. Augusto França, com o nome do pirata *Alabama*, com um fim sinistro, para perturbarem o socego das familias e insultarem as pessoas honestas como a Mata-Cobra, minha constituinte que nenhuma importancia dando a esta gazeta libertina, chamou e contado a responsabilidade para mostrar

o desprezo em que é tida, e para mais uma vez realçar a consideração com que é a sociedade tractada n'uma constituinte, o respeito de que goza entre a gente seria, que toda tem sido victima das settas erradas da calumnia dos accusados que accetam descomposturas contra todos pelo sor-dido lucro, pela ganancia do dinheiro.

—Antes isso, quando fosse verdade, do que ser sanguessuga dos cofres publicos, ladrão do dinheiro do povo!

E o Sr. não sabe que o *Alabama* é minha folha official?

—Por estas considerações, e mais por que eu quero, e sou Chanchan, e Chanchan quer a rolha, V.Ex., Sr. capitão, não pode deixar de condemnar os accusados, visto que a queixosa em V. Ex. confiou, chamando por este commando os accusados, e tenho dito e o que Chanchan diz cumpre-se, porque sic volo, sic jubeo!!

Em seguida o Sr. capitão deu a palavra ao advogado da defeza que resumindo-a, provou que não podiam os accusados ser os responsaveis e que Mata-Cobra não era nome de ninguém.

Entre as gargalhadas do auditorio fechou-se a audiencia, dizendo a um tempo a Mata-Cobra e o Dr. Chanchan:

«Esmagou-se a serpe!»

Rectificação.

No artigo publicado no numero passado sobre a ladeira dos Gatos, onde se lê o Dr. Gustavo, leia-se o Sr. Gustavo.

A PEDIDO.

—Que embrulho é esse que traz Amigo franco? me conte.

—Um baralho preparado Para eu bancar o monte

Pergunta curiosa.

Si a uma chapa em que entram as autoridades policiaes de uma freguezia dá-se o nome de popular, que nome deve ter outra que se apresente em diversa circumstancia?

O subdelegado e seus supplementes.

Chapa do «progresso» para Juizes de paz da freguezia d'Avó de Christo.

- 1.º Pinto Bedel Cabelludo de Boiões.
- 2.º Lettrado, Augusto Chanchan da Franca.
- 3.º Zezé Vinheira Faria da Rocha.
- 4.º Licenciado, Antonio Milú de Boi Touro.

Um votante.

Atenção.

Roga-se a certo muzico que comprou um cabocolinho ha quasi um anno e quatro mezes, que queira pagar a seu dono, até o fim deste mez, sabbado; ao contrario terá o desgosto de ver o seu nome por extenso neste jornal; isto se intende com o mesmo muzico na freguezia de Santo Antonio.

Chapa popular para juizes de paz do curato da Sé.

- Os Srs.—Jovino Cesar da Silva
Manuel Ignacio de Souza Menezes.
Dr. Arsenio Rodrigues Seixas.
Ignacio Alberto d'Andrade e Oliveira.

Um votante.

Mofina.

Pede-se ao Sr. Augusto Ferreira Franca o favor de declarar qu'es são as pessoas honestas que foram atassalhadas no *Alabama* e em que numero, sob pena de passar, no caso contrario, por um despresivel calumniador.

ANNUNCIOS.

Convite.

Convida-se aos Srs. installadores do batallião patriotico d'Artistas á comparecerem no domingo 31 do corrente ás 4 horas da tarde na casa n. 47 á Barroquinha.

Pede-se ao Sr. Germano que para aboas no dos companheiros do officio, quando for cumprir ordens de sua arte, não continue a tratar de pessoas de que não tem que se diga, muito principalmente o mesmo Sr.

Previne-se-lhe disto e basta por ora.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.^a

BAHIA 30 DE JULHO DE 1864.

N.º 91

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericórdia n. 47
a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

Foi hontem pelo Sr. Dr. juiz municipal da 3.^a vara julgada improcedente a queixa dada pelo Sr. Antonio José de Souza Gouveia contra os proprietarios da typographia em que se imprime o *Alabama*.

Eis a sentença:

« Vistos estes autos &. Julgo improcedente a queixa dada contra os reus José Marques de Souza, Aristides Ricardo e Francisco Angelo da Silva Igrapiuna pelas injurias contidas no art. de f. 13 v. Por quanto, sendo determinado pelo art. 7.^o § 1.^o do codigo criminal que fique o impressor isento de responsabilidade, desde que mostrar por escripto obrigação do editor, provando ao mesmo tempo que este se acha em certas condições; é consequente que aos reus na qualidade de impressores do periodico *Alabama* em que se lê o art. incriminado, nenhuma responsabilidade cabe logo que apresentaram á f. 7 o escripto de obrigação do editor; e pelos documentos de fs. 61 a fs. 66 demonstraram que elle reúne os requisitos exigidos pela lei para ser considerado responsavel.

O escripto de f. 7 contém de facto a obrigação de responsabilidade do editor do art. incriminado, por que, a não ser essa a que alli se acha nenhuma outra é conhecida em nossas leis (sião a do author que não aproveita ao queixoso, e aliás precisa ser acompanhada do autographo, para que podesse intender-se que alguém quizesse assumir-a) e essa responsabilidade, sendo de data anterior à publicação do artigo como prova a do reconhecimento do tabellião e o scello, é accitavel por ser ja existente ao tempo do crime.

Alem disso: estando provado pelos documentos de fs. 61 a fs. 66 que o editor é pessoa conhecida, o que ainda mais se demonstra com o documento de fs. 113 pelo author produzido; estando tambem provado pelo de fs. 64 v. a sua residencia no imperio, e finalmente pelos de fs. 61 a fs. 65 que na occasião do crime elle se achava no gozo de seus direitos politicos, que é o que a lei exige, embora fosse depois suspenso do exercicio por effeito da sentença de fs.: assim satisfeitas as exigencias que formulou o queixoso ao termo de fs. 6; está demonstrada a responsabilidade de outro no character de editor e a consequente irresponsabilidade dos reus no de impressores. Portanto e pelo mais dos autos, deixando direito salvo ao queixoso para instaurar processo contra a pessoa competente, absolvo

os seus da accusação, contra elles dirigida, e condemnou o acção aos custos.

Foi esta sentença dada depois da segunda audiência por concorrerem sem conclusão dous outros processos criminaes, cujo despachourgia p r serem mais antigos que o presente; o que declaro em obediencia á disposição do art. 2.º do decreto de 6 de julho de 1859.

Bahia 29 de julho de 1854.

Manuel Vieira Tosta.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de julho de 1864

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá a certo negociante que vende cook e o mulete, pois que vende 20 libras por 52, annunciando-o pelo preço de 200 rs. quando realmente com o seu furto, só o vende a 520. Compra.

—Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que se dirija ao Correio e orce a obra que se faz precisa para o reparo das escadas e de todo o assoalho daquella repartição que ameaçam engulir o publico e intenda-se depois com o enxotações da Sé para levá-la a effeito, tirando a quantia necessaria da verba—deleixo e centralisação. Compra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Os candidatos da *liga* pedindo que se lhe dê um fardamento pelo qual sejam conhecidos por liberaes.—Dirijam-se ao Linhares que recebe nesta data ordem de fornecer-lhes em vez de *liga, gravata e mascara* de couro para não ficarem *vermelhos*, diante da gente honesta.

—Que fiz este pobre soldado?

—Foi á botica comprar unguento branco e deixou no passeio a roupa do seu commandante que fora buscar, e a companhia do olho vivo exportou-a para seus arcaes.

—Elle diz que deserta.

—E tirou a farda

—Mais uma victima, meu Deus!

—Então que novas me traz de Itapagipe?

—Tudo correu s:ffivelmente; um dos directores porém, o Antoninho do Cobre, ao que me dizem, não quiz que passasse a *entrada* por baixo dos mais liudos e apparatusos arcos triumphaes que alli havia, porque foram levantados por *vermelhos*.

—Soube disso, mas não importa que tambem occideram elles com os pés á cara dos taes liberalões, lançando por terra os arcos que com tanto gosto erigiram.

Só um dos cadetes do 10.º, a quem conheço, portou-se d'uma indigna maneira, provocando desordens e conflictos.

Tambem sei; hei de recommendar-lhe que deixe-se disso.

Que mais?

—Nada que interesse.

Foram taboqueados os moradores da Calçada.

Iluminação por tres noites, musica, sambas, vivas, saúdes e chanfornada.

Quanto ao palacete, fortalezas e esquadras..... estava bom; houve combate no mar e appareceram presidentes, commandante d'armas, almirante, commendadores etc. etc.

—Seriamente?!

—Caretas sem mascara, capitão; divertimento de rapazes que agradou e muito.

—Que mais?

—Finis est operis corona.

—Sr Malacachias, então V. ja sabia do accordam da relação?!

Ja o tinha dito áquella sucia de patifes e ladrões como V..... os chamou?

—Que duvida! si me não deram os 500\$ rs! são ladrões, devem perder!

—Tratante!....

E sempre este riso amarello, este cynismo!

—Não me insulte, que metto tudo na cadeia, e quebro de pau.

—Puf!

—Olhe que eu tiro um olho meu para tirar dous do meu inimigo!

—Va metter medo ao Gouveia Pescocinho!

—E' preciso que Vm. corra toda esta Latronopolis té encontrar com algum bacharel ou advegado, que não sendo de *ordenações*, possa gabar-se em publico de juriconsulto Chassan, ou *francez*, para perguntar-lhe o que significa industria.

—Eu mesmo não sei; o que lhe posso garantir é que assim como ha *defamado*

s por industria, ha tambem liberaes por industria que são nada menos que canalheiros d'industria, tratantes, ladrões, orgulhosos, presumpçosos, hypocritas e infames, cujo unico fim é arranjarem-se, illudindo ao publico que se deixa embahir pela palavra *liberdade* que trazem constantemente nos labios as taes feras do progresso, harpyas pollutas e insaciaveis do festim da liberdade.

—Vá ver si encontra, e pergunte.

—Bem servido!

Só si eu for á França ver si Chassan accerta.....

— — — — —

—Então, Sr. Flor do Mundo, seus caixeiros estão authorisados a metter o chocolate em pessoas livres?

—Isso lá não sei; é negocio de rapazes, em que me não metto.

—Pois aquelle pichote tem de ajustar contas.

—Isto não, capitão.

—Ah! então V. é connivente na cousa.

Ajustarão ambos, salvo si provar que o privilegio dos caixeiros vem do nome do patrão, que é realmente encantador!

— — — — —

—Sr. Dr. Chanchan, quem são os homens honestos?

—Em Latronopolis?

—Sim.

—Em linguagem classica, ou commum?

—Commum.

—Os homens honestos em Latronopolis, segundo a linguagem commum, são;

1.º Os egoistas.

2.º Os presumidos, os tollos, os impostores e os desfructaveis.

3.º Os judas politicos que em vez do osculo trahidor prostituem a liberdade que trazem nos labios, e em vez de venderem o Mestre, trahem ao povo e o injuriam.

4.º Os sanguessugas dos cofres publicos, que vivem a ler gazeta e a fumar nas repartições, ou a passeiar pelas ruas, cuidando de seus interesses.

5.º Os ministros do tribunal de justiça que se dizendo liberaes, e recomendo-lo um presidente, são entretanto tão miseravelmente VENAES que esse mesmo presidente, chegado a ministro, os agracia com uma oppositoria forçada!

6.º Em fim, todos os que, tendo dinheiro por terem roubado, não são considerados entidades salidas das mais nobres camadas da sociedade.

—Em Latronopolis é justamente o que deve ser.

Mas na Bahia os seus homens honestos são os maiores ladrões!

—E' o que eu não duvido.

Cá nos intendemos nós!

—O Sr. ainda tem saudades de sua clientella!

Em Latronopolis ha de se dar bem!

— — — — —



—Então, charo amigo, que fez da cruz que lhe mandei deitar ao pescoco?

—Não é commigo, Sr.

—De veras?

—Sim, Sr; bem vê que sou um moço empregado, que cuido na minha vida, que tracto de minha occupação.

— Ora, pois um homem já velho capaz de dar conselhos ao proprio pae-Abrabão, não se anda fazendo de menino!

Tome juize, velhaca tollo!

Que é da cruz?

—A cruz deixei-a em Fernando de Noronha.

— Misericordia! Bem m'o dizia sua cara; V. bem mostra que é ladrão! Conhecceu por lá o Dr. Chanchan?

E' provavel!

—Não Sr; a unica pessoa lá com quem tracei relações foi um pobre Cangaltes, homem rico e honesto.....

—Em cuja fortuna deste balanco?

—..... em todo semelhante a mim,

—Ousas chamar-te de honesto na minha presença!

Muxingueiro, com vergalhadas por ora neste patife; depois, já que deitou fora a cruz talvez no balanço, um ferro quente com as letras L. e I. na cara descatada!

—Capitão, me dize um cousa.
—J. tardavas!
—Esse gente de Latronopo è gente memo?
—Que duvida!

—Iô pensa ère ta cranguejo.
—Que cranguejo, rapaz!
—Cranguejo di lama mai di buraco.
Nan daira, capitão; ossinellence nan vae ni cidare baixo; ossinellence passa nim Taboão e si ossinellence nan vira cranguejo, vira negro qui panha cranguejo!

Miséra ta munto; condo cae chuvisca, rua vira croaca.

Iô nan sabe esse cambra qui fazê!

Iô tá munto zangero com ere, prnquê quasi iô quebra minha pé nim buraco e mette minha narize ni laua, e ere nan derêta rua!

—Nunca vi nada mais bemfeito!

—Ta jusso; ossinellence mette cara da Gouveia Pessicocinho ni croaca de seu navia, quanto mai di iô negro qui tá cosinhero!

LA VAE VERSO.

—Venha cá, Sr. Almeida.
—Me chamo apenas Bastão.
—Bastão nas costas precisas.
—Tal não diga, capitão!

—Pois tratante, p'ra que fim
Vieste falso jurar?
—Juro falso porque quero,
Ninguem m'ô pôde vedar.

—Muxingueiro!—Aqui eston.
—Vem depressa, corre aziuha!
Leva este bobo de mascara,
De arreios e chapellinha.

Leva-o ao porão, oude o outro
Da gracinha não gostou;
Cloaca façam da boca,
Que tanto falso jurou!

E afim de que não fuja
O biltre do seu logar,
N'uma gravata o amarrem,
Sem que o deixem respirar

A PEDIDO.

Sr. Redactor.—Na quarta feira á noite consta-nos que um Sr. Quinquim Britto, á Estrada Nova, espancou cruelmente a

criança Theodora, moradora no bairro d'Alcargio com quem nenhuma relação tinha.

A infeliz achou-se com o corpo inteiramente cheio de contusões, o que pode verificar qualquer pessoa que se queira dar ao trabalho de ir vê-la.

Atenção-nos que o ordenança do subdelegado presenciou tal facto!

Não se dará as providencias?

Estes repetidos ataques á segurança individual não terão um fim?

Os agentes da policia incumbidos de velar por ella, serão os primeiros a se conservarem impassiveis ante estes repetidos escandalos?

Pe'de-se uma providencia neste sentido.

E ella è com ardente desejo esperada, attenta a moralidade que distinguem nossas authoridades.

* * *

Verdadeira chapa popular para juizes de paz da freguezia de Santo Antonio.

Capitão Lazaro José Jambeiro.
Tenente-coronel Justiniano José d'Araujo.
Professor jubilado Mauuel Francisco Borges Leitão.
Capitão Francisco José Monteiro de Carvalho Junior.

Chapa popular para juizes de paz do curato da Sé.

Os Srs.—Jovino Cesar da Silva.
Manuel Ignacio de Souza Menezes.
Dr. Arsenio Rodrigues Seixas.
Ignacio Alberto d'Andrade e Oliveira.
Um votante.

Chapa do «progresso» para juizes de paz da freguezia d'Avó de Christo.

1.º Pinto Bedel Cabelludo de Boiões.
2.º Lettrado, Augusto Chanchan da França.
3.º Zezé Visheira Farinha da Rocha.
4.º Licenciado, Antonico Milú de Boi Tourino.

Um votante.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES F. C.